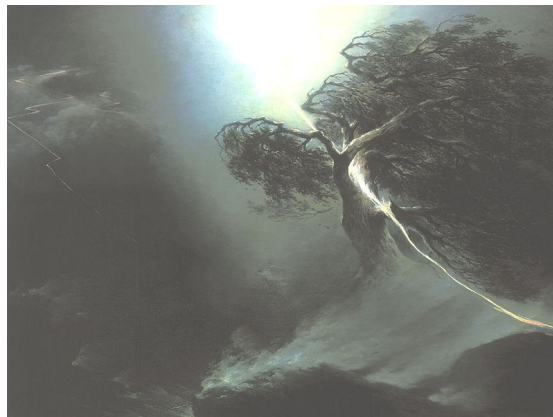


www.autoresespiritasclassicos.com

Herculano Pires

**O Infinito e o Finito
(Lições de Espiritismo / Crônicas)**



Maxim Vorobiev - Arvore fendida por um raio



Conteúdo resumido

José Herculano Pires manteve, durante muitos anos, no jornal “Diário de São Paulo”, órgão dos Diários e Emissoras Associados, uma coluna de crônicas espíritas, na qual abordava temas de interesse geral relacionados com a doutrina codificada por Allan Kardec. Assinava-as com o pseudônimo de Irmão Saulo.

Nesta obra estão reunidas algumas das mais interessantes crônicas do autor, publicadas no referido jornal.

Jornalista, filósofo, escritor e professor, Herculano Pires alcançou grande conceito dentro e fora do movimento espírita. Sua produção literária ultrapassa aos oitenta títulos; alguns deles constituem-se verdadeiras obras filosóficas.

Herculano dedicou a maior parte de sua existência em favor da Doutrina Espírita, seja buscando interpretá-la com fidelidade, seja defendendo-a dos ataques dos adversários.

Sumário

Herculano e a atualidade de Allan Kardec	5
1 – Nascer de novo	14
2 – Pesquisas sobre a reencarnação	16
3 – Ressurreição e reencarnação na Bíblia e nos Evangelhos ..	18
4 – Momo escorraçado do Olimpo ajeitou-se entre os homens	20
5 – A <i>didaxis</i> do Natal.....	23
6 – Interpelações sobre a data real do nascimento de Jesus	25
7 – Significação do Ano Novo para a concepção espírita.....	27
8 – Sucedem-se as civilizações no processo da evolução terrena.....	30
9 – Uma nova Terra e um novo Céu	33
10 – O infinito e o finito.....	35
11 – O mundo pelo avesso	36
12 – Formas de reação do mundo moderno ao impacto dos princípios espíritas	38
13 – Novos caminhos que se abrem para a compreensão da vida.....	41
14 – Lenta a libertação do espírito de atitudes mentais do passado	44
15 – Juventude inquieta.....	47
16 – O que é o Espiritismo	49
I – A terceira Revelação	49
II – Alicerce de uma nova era	50
III – A Ciência Espírita	51
IV – A Filosofia Espírita	53
17 – Escândalo para as religiões e loucura para a humanidade..	55
18 – Do racional e do misterioso nos princípios doutrinários	57

19 – Sobrevivência e imortalidade	59
20 – Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos através dos tempos.....	62
21 – Da comprovação científica da fenomenologia espírita	64
22 – Da necessidade das sessões espíritas e das condições para a sua realização.....	67
23 – Irredutíveis os fatos espíritas a explicações de ordem hipnótica.....	70
24 – O milagre da doutrinação	73
25 – O mistério da mediunidade	75
26 – Exorcismo e doutrinação.....	78
27 – Por que doutrinar espíritos?.....	80
28 – As bases mediúnicas da Religião e sua verificação na atualidade	83
29 – São os espíritos uma das forças da natureza, em ação permanente	85
30 – Moisés aprovava a mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões.....	88
31 – Diferentes doutrinas foram erguidas sobre os alicerces da mediunidade	91
32 – Mensagens espíritas no exterior confirmam as recebidas no Brasil	94
33 – Do corpo e do espírito na organização religiosa	97
34 – Está promovendo o Espiritismo “uma nova revolução copérnica”	100
35 – Das teorias obscuras da ciência às fórmulas infantis de Kardec	103
36 – Cuidado dos dirigentes de Centros em face às confusões doutrinárias.....	105
37 – Melhor rejeitar nove verdades do que aceitar uma mentira	107
38 – Maneiras particulares de ver criam confusões doutrinárias.....	108

39 – Não basta compreender a doutrina: é preciso sobretudo assimilá-la	111
40 – Quadros nos Centros	114

Herculano e a atualidade de Allan Kardec

Todo “fazer” humano, ciência, uma disciplina, só recebe seu conceito claro quando o homem domina esse campo preciso. Quem no-lo afirma é Manoel Garcia Morente, em seu *Lecciones Preliminares de Filosofia*. Dá-nos ele uma idéia do que seja a *vivência* indispensável para tanto, valendo-se de um exemplo de Bergson.

Para se conhecer uma cidade, por exemplo, não basta estudar-se o mapa, o traçado, examinar ângulos diversos através de fotografias, decorar nomes de bairros e ruas. Esse conhecimento autêntico exigiria que nela se penetrasse como se entra *numa selva, para explorá-la*. Dessarte, entre *vinte minutos de passeio a pé por uma rua de Paris e a mais vasta e minuciosa coleção de fotografias*, haveria um abismo.

Sob tal enfoque, nossa visão de J. Herculano Pires revela-o, portanto, na vivência acima definida, sem a qual, certamente, pouco teria para nos transmitir.

Durante a existência toda terá percorrido minuciosamente os livros da Codificação para avaliar e comparar, como autodidata e, posteriormente, como mestre no preparo de suas aulas, as quais, configuradas em artigos, foram sendo trazidas a lume, durante anos.

Algumas delas, assinadas com seu pseudônimo *Irmão Saulo*, extraídas de sua coluna no *Diário de São Paulo*, estão reunidas neste volume com o título sugestivo de *O Infinito e o Finito*. Professor e jornalista por vocação e profissão, colocou toda sua riqueza didática e cultural a serviço da divulgação doutrinária.

Herculano Pires desempenha hoje um papel de importância indiscutível no panorama espírita brasileiro. E o verbo mantém-se ainda no presente, mesmo após seu desencarne em 1979, uma vez que seus livros permanecem a postos, como sentinelas inarredáveis, realizando seu trabalho específico.

Acima de todas as atividades ligadas à Doutrina Espírita, J. Herculano Pires esteve sempre ocupado (e preocupado) com a defesa de uma tese que nos parece haver-lhe instruído basicamente as produções jornalísticas, literárias e filosóficas desde o início: a da completa atualidade de Allan Kardec. Este ter-lhe-ia sido, a nosso ver, o tema subjacente de todas as obras, a bandeira de sua caminhada missionária.

E essa postura tem sua razão de ser.

Houve sempre uma atitude de resguardo da parte do mundo científico-cultural materialista que se recusava a admitir a Doutrina Espírita como hóspede de seu contexto geral, negando-lhe o direito de nele se posicionar. Correu constantemente essa negativa por conta e responsabilidade dos que não lhe conseguiram entender a estrutura monística. Nesse aspecto, todavia, encontramos a defesa lúcida e pronta de Herculano Pires, que explicou essa concepção monista em termos de “estrutura orgânica da realidade em que espírito e matéria preenchem o cosmo, mantendo-se o espírito como o estruturador da matéria.”

E essas noções reforçam-se quando, em “Revisão do Cristianismo” (e outros), subvencionado por informações sobre as conquistas do mundo científico oficial, lembra ainda que a descoberta de energias fora do campo atômico conhecido (antimatéria), capazes de conjugar-se com as da matéria, na constituição do Universo, restabeleceria *a unidade conceitual e efetiva de um mundo só, dividido em campos diferenciados*. E acrescentaria, depois, para dar uma noção ainda mais coerente à tese defendida: o perispírito ou corpo espiritual *poderia ser a forma da humanidade de um mundo de antimatéria*.

Num contexto cultural como o nosso, em que mesmo os que apreciam a leitura como fonte de informação, conhecimento e até fruição para o espírito, que mesmo estes nem sempre terão dispensado a atenção necessária à pesquisa do texto kardeciano, é de se avaliar a importância de uma ação constante como a de Herculano Pires no sentido de proclamar a necessidade e a urgência do reinteresse pelas obras básicas da Codificação. Talvez por isso mesmo tenha ele colocado tanto empenho na

elaboração da página com a qual prefacia a edição de Lake, em 1957, de *O Livro dos Espíritos* – comemorativa do centenário de seu lançamento.

Muito bem feita essa análise estrutural e de conteúdo da fonte da Codificação. Nela mostra como o Codificador esmerou-se ao estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, mas livre dos prejuízos do *espírito de sistema*, uma vez que este, se existente, seria a própria negação dos objetivos da doutrina. Para Herculano ficava explícito que o Espiritismo e os seus problemas – no plano da cultura espiritual, com *O Livro dos Espíritos* – saíam do terreno da abstração para se tornarem acessíveis à investigação racional e até mesmo à pesquisa experimental.

Contra as falsas interpretações sobre um possível antropomorfismo, derivadas da linguagem simples – instrumento de inteligibilidade – utilizada por Kardec para tratar de Deus, por várias vezes Herculano Pires deixava demonstrado que o Codificador *não humanizara a Deus*, desde que resguardara Sua natureza suprema como inteligência infinita e causa primária. Nessa mesma página, “Introdução a *O Livro dos Espíritos*”, já citada, nosso autor defende o Espiritismo contra a pecha de *panteísta*, remetendo o leitor à análise adequada do capítulo I, item 14, daquele volume. Consolidava esta defesa, posteriormente, em nota de rodapé, à página 268.

De fato, alguns teólogos católicos e protestantes pretendem acusar de *panteísta* a Doutrina Espírita. Este princípio – “a lei natural é a lei de Deus, eterna e imutável como Ele mesmo” – é a causa de tais acusações.

Após salientar as divergências expressivas entre as concepções de Deus mantidas por Espinosa e pela Doutrina Espírita, Herculano admite algumas concordâncias, dentre as quais a mais flagrante – a que nega o *antropomorfismo* –, este sim, defendido por católicos e protestantes.

Socorreu-se, nesse ensejo, do exemplo oferecido pela posição espinosiana – em que o grande filósofo *não confunde* a natureza “material” com Deus, mas apenas a natureza “inteligente” – para explicar a mesma visão do assunto pelo Espiritismo que também

faz essa confusão pretendida por seus detratores, mas estabelece que “as leis de Deus são uma coisa e Deus mesmo é outra”. Percebeu ainda outros aspectos da mesma questão, completando: “Não há possibilidade de confusão entre Espiritismo e Panteísmo, a menos que se admita como panteísta a doutrina da imanência de Deus, por força mesmo de sua transcendência; e, nesse caso, católicos e protestantes também seriam panteístas.”

No enfoque da metodologia utilizada por Kardec até atingir a síntese doutrinária, Herculano acendeu as luzes de velho lidador no campo da Filosofia – curso que teria efetuado para melhor servir doutrinariamente – a fim de orientar-nos.

Sim. Hegel estabelecera as bases tríplices do processo dialético: tese, antítese, síntese.

Em lugar de “dar ênfase à contradição em si, à luta dos opostos” – explica-nos o mestre paulista em sua página introdutória anteriormente citada – Kardec teria efetuado a fusão da tese e da antítese para uma nova criação. “E é nesse sentido que se desenvolve o diálogo em *O Livro dos Espíritos*”.

De fato, o método dialético – processo natural do desenvolvimento do pensamento – percorrido por Kardec sob esse prisma, levou-o à síntese doutrinária contida nessa obra básica. Segundo Herculano, de pergunta em pergunta, ia Kardec obtendo seu texto definitivo, trazido pela maiêutica, seguindo as *linhas dialéticas da busca socrática da verdade*.

Na análise de cada um dos passos do Codificador, o arguto crítico de *Vampirismo* foi refazendo, como num roteiro de processos lógicos, a escalada kardeciana. Daí apontar com precisão cada momento em que o mestre de Lyon abordava o Espiritismo como uma *Ciência de observação* – tal qual ocorre na primeira etapa do texto de *O Céu e o Inferno*, por exemplo – ou como uma *Ciência de pesquisa*, quando investiga objetivamente *a situação dos espíritos após a morte*.

No decorrer de sua obra toda, o professor de *Curso Dinâmico de Espiritismo* revela sua preocupação no sentido de manter incólume e inatingível a Doutrina Espírita, perante acusações de espíritas que ainda desconhecem o Espiritismo em profundidade.

Querem esses críticos apressados concluir por uma pretensa desatualidade de Kardec.

Na defesa da doutrina, utiliza páginas e páginas para demonstrar a saciedade com que o desenvolvimento da Ciência oficial corre na direção desses mesmos postulados que vão sendo comprovados apesar da posição tradicionalmente reacionária de setores determinados.

Preocupara-se já ao redigir sua memorável página introdutória, em demonstrar que mediante a posição também científica do Espiritismo, o espírito e os seus problemas saíam do terreno da abstração para se tornarem acessíveis à pesquisa racional e à experimentação.

Ao mesmo tempo em que realçava essa característica, todavia, lembrava, com toda clareza que lhe era peculiar, que não se confundisse, porém, o *método doutrinário* com os *métodos de investigação científica dos fenômenos espíritas*, os quais, no passado, permaneceram com a Metapsíquica e atualmente recebem novo enfoque nas mãos da Parapsicologia.

Essa distinção fazia-se indispensável a todos os que se propusessem a estudar a doutrina.

No trato mediúnico – no domínio de uma metodologia desenvolvida por Kardec e registrada didaticamente em *O Livro dos Médiuns* – permanecia firmada a convicção na existência do espírito e na possibilidade da comunicação.

Está claro, portanto – e ele fez questão de frisar bem esta circunstância –, que tal posição não estaria e nem poderia estar, por enquanto, nos domínios da Ciência acadêmica, para a qual tudo permanecia ainda a descoberto – e posta em dúvida até mesmo a existência do espírito como individualidade independente de um corpo físico – esperando comprovação por processos e métodos que os investigadores escolheriam.

Aliás, essa diferenciação na metodologia, se explica os pontos de partida e os objetivos diversos entre os dois campos de investigação, também caracteriza o avanço das pesquisas no campo da paranormalidade pela Parapsicologia, que, para melhor

adaptar-se às exigências do critério científico, adotou o método quantitativo, com base na estatística.

Ainda nesse terreno, como bom professor, J. Herculano Pires deixou contribuição inestimável. A sua obra *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, da Edicel, já se encontra na quarta edição, atualizada.

Uma campanha de real proveito iniciada pelo autor de *O Reino* foi a de modificar – ou pelo menos trabalhar nesse sentido – a mentalidade reinante entre grande número de espíritas, de que a Parapsicologia comprometeria o equilíbrio do arcabouço doutrinário.

De fato existe, ainda hoje, uma atitude reacionária de alguns espíritas rechaçando a validade e a oportunidade dos estudos parapsicológicos pelas várias correntes da Ciência acadêmica, pretendendo com essa atitude negativa “defender” a Doutrina Espírita dessas conclusões – na verdade, muitas delas, as mais díspares possíveis – subordinadas aos dois campos ideológicos em que se reparte o pensamento cultural da atualidade.

No entanto, Herculano acalma essa preocupação generalizada quando nos ensina a separar a Parapsicologia propriamente dita das interpretações parapsicológicas.

Importante se torna argüirmos o seguinte: não estariam também os espíritas adversos às perquirições parapsicológicas, deixando-se pressionar por preconceitos que eles próprios fomentam? Se tal fato estiver ocorrendo, não nos arriscamos a cair, por nossa vez, no mesmo fosso de radicalidade que durante tantos anos apontamos (porque a detectamos) no campo da Ciência oficial com referência à fenomenologia produzida pelo espírito imortal que ela sempre negou?

Se não entendermos bem o que se passa e não fizermos distinção – conforme nos pede Herculano – entre a Parapsicologia propriamente dita e as interpretações parapsicológicas, com essa atitude refratária, sujeitar-nos-emos a repassar para nosso próprio campo de atuação esse lastimável posicionamento anticientífico, preconceituoso.

Por isso representou tanto a publicação da obra de Herculano sobre a nova disciplina científica vista sob a ótica espírita. Ela significa a libertação do pesadelo que ameaça enquistar certos redutos doutrinários, colocando-os à margem da cultura espírita brasileira, com todas as conseqüências que tal posicionamento possa acarretar.

A propósito, não teria sido gratuita esta afirmação constante em *Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas*: “A Parapsicologia atual é simplesmente o elo de ligação da Ciência Acadêmica com a Ciência Espírita. Sem esse elo, os dois campos científicos permaneceriam separados, impedindo a visão global da realidade, necessária à compreensão verdadeira do mundo, do homem e da vida.”

Além do mais, a Parapsicologia é a denominação recente do Espiritismo – afirma-nos Herculano Pires nessa mesma obra, e seu batismo ocorreu na Universidade de Duke, para ser admitido entusiasticamente, por sua vez, na URSS e no Vaticano. De “*roupa nova, linguagem grega e seguindo as pegadas de Kardec, para atingir os seus mesmos objetivos, nada ofereceu de novo ao mundo atual além de sua roupagem tecnológica.*”

Outrossim, com rara acuidade o autor de *O Centro Espírita* foi capaz de relacionar inúmeras conquistas do mundo científico acadêmico com os pontos que caracterizam e oferecem validade às teses defendidas pelo Codificador. E, com isso, restabelece a convicção – aos que a haviam perdido – na extrema atualidade de Kardec.

Pendências, dúvidas, acusações – a tudo dispõe-se Herculano a responder, restituindo à confiança anterior os que se deixavam comprometer pela insegurança, revidando aos ataques de maneira elegante, dentro de sua intelectualidade e indiscutível vivência.

Flagrante, por exemplo, a sua resposta às vozes discordantes sobre a criação dos espíritos. Simples e ignorantes? Como?... Se tudo quanto Deus criou “deveria” ser perfeito?...

Eis o argumento recolhido de nota de rodapé em *O Céu e o inferno*: “Deus criou-nos em *potência*, como sementes que têm

em si mesmas todas as potencialidades futuras. Assim, criou-nos perfeitos”. Quanto a nós, caber-nos-ia desenvolver as nossas potencialidades a fim de as atingirmos em *ato*, como seres espirituais. A responsabilidade, indispensável à nossa perfeição, vamos obtendo aos poucos, graças ao treino do livre-arbítrio.

Seu esforço esteve dirigido também para a erradicação do fanatismo. Herdeiros todos de uma cultura religiosa que não primava pelo uso exclusivo da razão – assevera-nos ele – nem o meio espírita conseguiria mesmo fugir totalmente dessa influência sob *as mãos de multidões ignorantes e obtusas*, nossos redutos espíritas transformados muitos deles em novos muros de lamentações.

Em *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte* deixa um repto a nós, espíritas, diante do mundo atual, nos albores da Era Cósmica.

“Os espíritas, primeiros chamados para a compreensão da Ciência Integral – e que na sua maioria refugiaram-se num beatismo de sacristia – estão intimados a alijar dos ombros as cargas do misticismo igrejeiro para poderem assumir a herança do século.”

Persistira em transmitir o gosto pela análise objetiva, embora otimista, preocupado com a postura daqueles que à força de se imaginarem capazes de uma redenção pronta, global e a *toque de caixa*, permanecem curvados, modulando a voz, tentando atitudes artificiais com olhares lânguidos e cheios de lágrimas. Marcou época esta sua frase: “A luta da vida não se destina a angelizar as criaturas, mas a virilizar o espírito, predispondo-o para vôos de águia e não para o esvoaçar das borboletas”.

No mesmo volume demonstrou sua preocupação com a fragilidade de inúmeros médiuns, entre os quais os de curas, arriscados à perda dessa oportunidade atual, entre tantos engodos e suposições fantasiosas que lhes podem cavar abismos através da vaidade e da ambição (*Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas*).

E quanto aos problemas da moral? Ainda nessa obra, nosso autor resumia: “a moral flui da consciência”. Lembrava-nos,

ainda, na página seguinte, que Kardec tomara como “medida das situações do espírito o seu maior ou menor grau de apego ao mundo material, como se pode ver na Escala Espírita”.

Por isso mesmo, ensinava-nos ele em *Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas* que o Espiritismo visa libertar o espírito humano do *visgo da matéria*, para que “ele possa alçar o vôo da transcendência”. E realça o papel teórico da ética, regendo toda a normativa prática da moral.

Além do mais, os costumes dos povos modificam-se através da evolução e avançam na direção dos princípios autênticos que são de natureza eterna, de tal sorte que se nos torna fácil reconhecermos o verdadeiro conceito espírita de moral.

Aquele que deseja reforçar seus conhecimentos kardecianos após constante estudo das fontes, encontra posteriormente, em Herculano, o destriçar de cada assunto no enfoque do mundo de nossos dias.

Livre, de espírito aberto e formação filosófica – condição indispensável para a tomada de 360 graus no exame de cada problema à luz do Espiritismo – J. Herculano Pires permanece presente em nossa vida doutrinária através de seus livros – chave decisiva, cada um deles, para a compreensão, em profundidade, dos textos de Allan Kardec. Melhor dizendo, para a consciência plena de sua completa atualidade.

Helena M. C. Carvalho

1

Nascer de novo

Os mistérios da natureza vão sendo desvendados pela Ciência. Cada século marca um avanço do conhecimento sobre a ignorância e a superstição. O nosso século tem como missão, segundo dizia Léon Denis, esclarecer o mistério da sobrevivência espiritual. Todas as ciências avançam atualmente nesse sentido. A Física descobre a antimatéria, a Psicologia investiga os fenômenos paranormais ou mediúnicos, a Biologia mergulha nos segredos das estruturas submicroscópicas, a Astronomia reconhece a pluralidade dos mundos habitados, e assim por diante.

O ensino de Jesus a Nicodemos: “É preciso nascer de novo”, que tantas controvérsias tem suscitado no campo religioso, torna-se agora objeto de investigações científicas. Só podem abalar-se, atualmente, a discutir a reencarnação em termos dogmáticos os que ignoram as pesquisas a respeito ou os que desejam sustentar posições sectárias. As provas da reencarnação se acumulam dia a dia. E a lógica do princípio reencarnacionista já não pode mais ser confundida pelos sofismas. A alma humana é imortal e evolui através das encarnações ou vidas sucessivas, pois a continuidade e a evolução de todas as coisas é lei universal.

Perguntam-nos alguns leitores sobre o caso do menino Terence, renascido na cidade de Búfalo, no Estado de Nova York, segundo reportagens publicadas na imprensa mundial. É o mesmo caso de Shati Devi, na Índia, tão comentado há anos passados. É o mesmo caso de tantas crianças citadas na bibliografia espírita e metapsíquica, no correr de mais de um século. É o mesmo caso das vinte pesquisas publicadas recentemente pelo professor Ian Stevenson¹ nos Estados Unidos. O mesmo dos quinhentos fatos registrados pelo professor Banerjee, na Índia, em seu arquivo da Universidade de Rajastan.

Nascer de novo não é apenas regenerar-se moralmente. A lei evangélica enunciada por Jesus, e que Nicodemos não compre-

endeu, é uma lei natural. O apóstolo Paulo ensina (I Coríntios) que temos corpos materiais e corpos espirituais e que todos ressuscitaremos. Há duas formas de ressurreição: a do corpo espiritual e a do corpo material. Esta última é a reencarnação, é renascer da água e do espírito, segundo o ensino evangélico.

2

Pesquisas sobre a reencarnação

As pesquisas científicas sobre a reencarnação têm mais de um século. Durante alguns anos foram postas de lado, relegadas como absurdas, pois contrariavam o pensamento científico em desenvolvimento, todo ele voltado apenas para os problemas de matéria e energia. Mas agora se reiniciam em melhores condições, com mais recursos conceptuais e técnicos, em ambiente mais arejado e, portanto, mais favorável. Já se tornou inútil e até mesmo ridículo querer colocar o problema em termos de simples discussões teóricas. A reencarnação é hoje uma questão de pesquisa científica e não de discussões e palpites.

Enquanto nos Estados Unidos o livro do professor Ian Stevenson sobre casos de reencarnação provoca o mais vivo interesse, na Índia o professor Hamendras Banerjee, da Universidade de Rajastan (Jaipur) relaciona seiscentos casos e elabora um plano de pesquisa mundial a respeito. A revista mensal da Duke University (EUA), hoje órgão oficial da Fundação para a Pesquisa da Natureza do Homem, dirigida pelo professor Joseph Banks Rhine e sua equipe, *Journal of Parapsychology*, divulga e comenta em seus últimos números a publicação de estudos em folhetos, revistas e livros sobre o binômio sobrevivência e reencarnação.

O professor Hamendras Banerjee, que conta ainda apenas 38 anos de idade², conseguiu despertar o interesse de vários cientistas russos para o problema. Graças a isso (um milagre moderno) a Universidade de Rajastan organiza uma equipe de pesquisadores indianos e russos que deverá percorrer vários países, inclusive o Brasil. As notícias a respeito provocaram o interesse do Instituto Paulista de Parapsicologia, que no momento procura entender-se com a referida Universidade, a fim de facilitar, na medida do possível, os trabalhos da sua equipe em nosso país.

Os incrédulos ainda perguntam (como se acaso se tratasse de uma questão de crença!) de que maneira se pode provar

cientificamente a reencarnação se ainda não se provou a sobrevivência. Esquecem-se de que a prova da reencarnação implica naturalmente a da sobrevivência. Sob o aspecto psicológico é mais fácil a pesquisa da reencarnação, que se faz no próprio ser vivo e não através de fenômenos paranormais (memória de vidas passadas e pesquisa hipnótica de regressão da memória) do que a da sobrevivência, que exige o exame de todo o complexo da fenomenologia mediúnica. No Espiritismo a sobrevivência e a reencarnação constituem princípios apoiados – há mais de um século – em pesquisas científicas que tiveram à frente Allan Kardec, Albert De Rochas, Friedrich Zöllner, Alexandre Aksakof, Gustave Geley e muitos outros.

3

Ressurreição e reencarnação na Bíblia e nos Evangelhos

Ninguém pode aceitar atualmente a velha teoria da reencarnação pitagórica, ou metempsicose. O Espiritismo jamais a adotou. Da mesma maneira, ninguém pode aceitar a velha tese teológica da ressurreição em carne e osso, no Juízo Final. Somente a fé cega, alheia aos argumentos da razão e às conquistas científicas, pode ainda admitir essas teorias absurdas. Não obstante, o Espiritismo sustenta a existência das duas coisas: da ressurreição e da reencarnação, ambas explicadas à luz da razão.

Os judeus antigos acreditavam em ambas, mas não tinham idéias precisas a respeito. Por isso, encontramos na Bíblia (ou Velho Testamento) várias passagens em que ressurreição e reencarnação se confundem. Já nos Evangelhos (Novo Testamento) as coisas se esclarecem. Cristo ressuscitado, por exemplo, não quer dizer reencarnado. O apóstolo Paulo explica, de maneira bem clara, que a ressurreição é o nascimento espiritual, depois da morte material. Porque, escreve ele em I Coríntios, 15:14: “Semeia-se o corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual; pois há corpo animal e corpo espiritual.”

Quando Jesus ensina a Nicodemos que é necessário nascer de novo, acrescenta: nascer da água e do espírito. Ora, só uma pessoa inculta ignora que a água, na antiguidade, simbolizava a matéria, o elemento gerador dos corpos materiais. A confusão dos antigos judeus é bem clara numa passagem de Isaías, em que o profeta declara: “Os teus mortos viverão; os meus a quem tiraram a vida, ressuscitarão.” (Isaías, 26:19). Kardec compara, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, três versões diferentes do Livro de Jó: a católica, a protestante e a ortodoxa-grega, mostrando que em todas elas Jó se refere à reencarnação (Jó, 14: 10-14).

Em geral, as pessoas que contestam a existência da reencarnação na Bíblia e nos Evangelhos apegam-se unicamente

a princípios dogmáticos, a pontos de fé. O Espiritismo não admite a fé cega, a crença imposta pela autoridade exegetica. Analisando as Escrituras Sagradas à luz da razão – essa luz que Deus nos deu para buscarmos a Verdade –, o Espiritismo nos mostra que a ressurreição e a reencarnação são dois princípios antigos, que estão presentes na Bíblia e nos Evangelhos. Somente aquele que não quer vê-los pode negá-los, tapando o sol com a peneira.

4

Momo escorraçado do Olimpo ajeitou-se entre os homens

Curiosa história de um deus linguarudo – Não participou da guerra dos deuses – Mas não é tão feio quanto o pintam

Momo é um deus pagão que conseguiu imortalizar-se no culto popular, graças à leviandade. Os outros deuses, que eram “deuses sérios”, foram todos destronados pelo Cristianismo. É verdade que, apesar disso, muitos deles conseguiram sobreviver com outras roupagens. O politeísmo greco-romano não se deixou derrotar completamente pela concepção espiritual do Cristo. Exatamente como se dá nas guerras humanas, o Olimpo não se entregou de graça ao Calvário. Foi necessário um armistício e um Tratado de paz, e nesse tratado entraram as condições que praticamente transferiram o politeísmo para o meio cristão, inclusive com suas formas rituais, seus princípios mágicos e sua idolatria, tão malsinada pelos judeus e pelas primeiras gerações cristãs.

Houve um deus que não participou de nada disso. Nem das batalhas entre o Olimpo e o Calvário, nem dos entendimentos para o tratado de paz. Esse deus era Momo, filho da Noite e do Sono. Sua natureza onírica jamais lhe permitira participar inteiramente da realidade, nem mesmo da realidade olímpica. Era, pois, um deus marginal. Já o haviam expulsado do Olimpo por causa de sua língua terrível, de seu intolerável costume de zombar de tudo e de todos. Um deus-moleque, insuportável, mormente num mundo de deuses, onde se tratam das coisas mais sérias possíveis, que são as coisas divinas. Dizem que chegou a morder a língua de raiva, por não ter encontrado nada, mas absolutamente nada, para criticar ou zombar, em Vênus.

Esse deus irreverente, que não queria poupar nem mesmo a beleza de Vênus, estava no mundo, divertindo-se entre os homens, quando estourou a guerra entre o paganismo e o cristianismo. Percebeu logo que o Olimpo viria abaixo, mas não se

importou com isso. Tratou de ir preparando a sua morada definitiva aqui mesmo, na planície humana, e conseguiu ajeitar-se bem. Finda a guerra, os cristãos vitoriosos entenderam que Momo devia entrar nas condições de tratado de paz. A Igreja chegou a conceder-lhe atenção, situando suas festas antes da quaresma e tentando adaptá-las ao meio cristão. Mas o deus-moleque não aceitou a oferta. Nada tinha a ver com os deuses derrotados do Olimpo, que já o haviam tocado de casa, e queria viver por conta própria.

Daí por diante, começaram a persegui-lo. Mas ele não se deu por vencido. Sabia que os homens o adoravam. Cristãos, pagãos, ou lá o que fossem, não podiam passar sem ele. Na Idade Média, sob a mais asfixiante dominação da Igreja, momo consegue restabelecer o seu reino folião, tornando-se célebres os carnavais de Veneza, Nice, Turim, Roma. Todo o ardor das antigas festas romanas, as saturnais, as lupercais e as bacanais, agora que seus patronos olímpicos estavam derrotados, Momo incorporava ao seu reinado.

O carnaval, portando, não é mais do que uma festa pagã que o cristianismo não conseguiu absorver. Enquanto outras festas, inclusive cerimônias religiosas, foram facilmente transferidas para a nova religião, a de Momo resistiu a tudo. Nunca lhe faltaram adeptos, pois sabemos que, no imenso processo da evolução humana, o fermento do passado resiste com espantosa intensidade. Além disso, é justo que Momo conserve o seu poder. Se outros deuses olímpicos, através do disfarce, conseguiram não somente sobreviver no Cristianismo, mas até mesmo influir neste, paganizando-o em tantos sentidos, porque razão o pobre Momo, um deus marginal, deveria ser sacrificado?

O Espiritismo não encara o carnaval como um período satânico, um reinado demoníaco, mas apenas como um resíduo pagão que se mostrou irreduzível, no mundo semi-pagão em que vivemos. É claro que no tríduo carnavalesco, havendo maior liberação dos instintos inferiores, há também uma participação mais intensa e ativa dos espíritos apegados a esses instintos. Mas quem acompanha a evolução dos costumes, sabe que o carnaval também está se modificando. As festas de hoje já não são tão

grosseiras e impuras como as de antigamente. O sentimento de beleza e de graça vai superando o desregramento moral, os descontroles e os excessos sensuais. E na proporção em que a evolução humana se acentuar, nos caminhos da renovação espiritual do homem, o deus-moleque do Olimpo também se modificará, ou acabará fugindo para outro planeta. No fundo, Momo não é tão feio quanto o pintam. Somos nós mesmos que o fazemos perigoso ou não, segundo o que trazemos em nosso íntimo.

5

A didaxis do Natal

Os grandes mestres já trazem a vocação de ensinar ao nascer. E por isso costumam ensinar desde cedo. Jesus, ainda menino, quando os outros estão aprendendo, ensinava aos doutores do Templo em Jerusalém. Fatos semelhantes ocorreram com muitas criaturas geniais em todo o mundo. Mas não há registro positivo de alguém que fizesse de toda a sua vida, desde o ato de nascer até a morte, uma *didaxis* contínua, uma lição incessante. Este é um dos fatos que destacam o Mestre Supremo entre todos os mestres, que caracterizam o Gênio dos gênios.

Gotama Buda era príncipe e nasceu num palácio. Viveu nos esplendores da corte até descobrir as dores do mundo. Mas Jesus escolheu para berço a manjedoura. Nasceu na pobreza e na humildade. E assim viveu, para depois morrer na ignomínia. Aquele que devia salvar o mundo e redimir os homens fez-se o menor e o mais desprezado de todos. Seu nascimento foi a primeira lição que ele dava aos orgulhosos e poderosos da Terra. Depois ensinaria que não se necessita de títulos, de posições, de riqueza e de poder temporal para remover o mundo da órbita da ignorância. E por fim nos deu duas espantosas lições finais: a morte na cruz e o túmulo vazio, mostrando-nos que a injustiça eleva o justo e que a morte desaparece à luz da ressurreição.

Mas o *didaxis* do Natal tem a sua simbologia. Foi a sua primeira parábola, não falada, mas vivida. O fato de Maria dar à luz num estábulo não era estranho na Judéia do tempo. Os estábulos eram dependências da casa que podiam servir também às criaturas humanas, particularmente no inverno, quando o calor dos animais domésticos ajudava a aquecer o ambiente. Os estábulos de inverno eram geralmente montados numa gruta, para que os animais ficassem mais defendidos nas noites gélidas. Os rigores do inverno obrigavam os homens a se fraternizarem com seus irmãos e servidores mais humildes, os animais domésticos.

Nascendo assim num estábulo, Jesus não incidia em nenhuma excentricidade, mas dentro dos próprios costumes do povo, como

faria em toda a sua vida, transmitiria aos homens a mais bela parábola. A criança divina entre as palhas da manjedoura era como a mônada celeste lançada no seio da matéria. Os animais que a cercavam ajudam Maria a dar-lhe o calor do sangue e da carne. A centelha celeste era assim envolvida na ganga da encarnação terrestre, com os instintos animais da carne a prendê-la ao chão do mundo, mas com a ternura espiritual de Maria a fortalecê-la para a vitória do espírito. A visita dos Magos, relatada por Mateus, mostra-nos a sabedoria terrena curvando-se reverente ante o saber celeste e prestando-lhe as suas homenagens. A fúria de Herodes o Grande e de Jerusalém com ele revela-nos a hostilidade ciumenta dos grandes da Terra contra os verdadeiros emissários do Alto. A convocação dos principais sacerdotes e dos escribas do povo pelo rei alarmado é o incitamento dos poderes humanos contra os poderes divinos.

Temos assim, na didaxis do Natal, a primeira prova da legitimidade da missão de Jesus. Quando o Buda nasceu os jardins do palácio rebentaram em flores e perfumes. Mas quando Jesus nasceu os anjos cantaram na fimbria do horizonte e os pastores se ajoelharam nos campos nevados, trêmulos de emoção, sem sentirem o frio do inverno. Não queremos desmerecer a grandeza espiritual do Buda e de outros grandes missionários espirituais, mas a didaxis do natal nos lembra que o Messias judeu era realmente o Mestre dos mestres, o professor por excelência.

O Espiritismo encara os Evangelhos, na sua realidade histórica, como textos inspirados mas de redação humana, sujeitos às influências culturais da época e do meio em que foram redigidos e também às condições pessoais de cada evangelista. Mas reconhece a legitimidade dos seus ensinamentos espirituais e morais e tem o mais profundo respeito pelo sentido alegórico de episódios como o do Natal. Por isso o Natal espírita não se reveste de formalidades exteriores, mas não deixa de considerar o sentido espiritual do grande evento cristão.

6

Interpelações sobre a data real do nascimento de Jesus

Quando uma efeméride mitológica se transfere para o plano histórico – Os espíritas e o Natal

As celebrações do Natal despertam sempre a curiosidade de alguns leitores, a propósito da posição dos espíritas em face do problema do nascimento de Jesus. “Qual a maneira – pergunta um missivista – pela qual os espíritas explicam a aceitação da data de 25 de dezembro, como sendo a do nascimento histórico do Cristo, se é conhecida a impossibilidade de qualquer determinação dessa data?” A maneira de explicar isso é fácil, pois decorre da própria situação histórica da efeméride em causa. Quer dizer: a tradição espiritualista é a explicação natural dessa aceitação dos espíritas. Porque a data de 25 de dezembro corresponde às mais remotas celebrações do advento do Messias. Trata-se de uma efeméride pagã, de origem mitológica, ligada ao mito-solar, e que foi adaptada ao Cristianismo, da mesma maneira porque tantas outras datas, festas e celebrações pagãs também o foram.

Um leitor que conhece o assunto faz-nos, então, esta pergunta: “Como e por que o Espiritismo aceita essa incorporação do Paganismo ao Cristianismo?” Se o leitor conhecesse melhor o Espiritismo veria que não há, do ponto de vista doutrinário, nenhum impedimento a respeito. As religiões mitológicas pertencem à fase de preparação do advento do Cristianismo. As revelações que antecederam a mosaica e a cristã eram tão legítimas como estas últimas. Não há motivo, pois, para qualquer repugnância nesse sentido. Por outro lado, o Espiritismo não pretende reformar a história cristã, mas apenas esclarecê-la. A tradição do Natal tem quase dois milênios. Substituí-la por uma novidade imprecisa seria absurdo. Além disso, a data de 25 de dezembro traz com ela uma impregnação milenar de adoração, que é de grande importância para os que conhecem o problema

das vibrações espirituais. Tornou-se, por isso mesmo, a mais apropriada à celebração do Natal de Jesus.

Da mesma maneira porque o mito cristão ligou-se à revelação de Jesus, de forma indissolúvel, a partir do momento em que Jesus passou a ser considerado o Cristo – transportou-se do plano das esperanças judaicas do Messias para o plano universal do mito grego –, a data de 25 de dezembro deixou de ser apenas um marco mitológico na história das religiões para se transformar num marco histórico do processo de formação da religião cristã. Quando, pois, os espíritas celebram essa data, como a do nascimento de Jesus, com pleno conhecimento da sua natureza convencional (no plano histórico), sabem também que ela possuiu um aspecto de legitimidade histórica (no plano espiritual), em virtude do sentido profundo (antigamente chamado “oculto”) do mito-solar.

Não importa que Jesus tenha nascido em outra data, como não importa a simbologia mitológica do episódio evangélico do Natal. O que importa é compreender que a história do Natal, profundamente ligada à tradição espiritualista da evolução terrena, traz para o homem de hoje a mensagem eterna da renovação humana, através dos séculos, pelo desenvolvimento das forças do espírito. É nesse sentido que o espírita, sinceramente, celebra o Natal de Jesus, acompanhando a tradição, sem com isso prejudicar a sua compreensão espiritual do Cristianismo. O processo de desenvolvimento espiritual do homem é vasto e complexo, abrangendo milênios e envolvendo aspectos demasiado complexos, que o Espiritismo procura esclarecer de maneira racional, mas não pretende submeter a nenhuma transformação violenta.

Significação do Ano Novo para a concepção espírita

Importância da medida relativa do tempo no processo de evolução espiritual do homem – Uma lição de “A Gênese”

Encontramos no capítulo sexto de *A Gênese*, de Allan Kardec, esta curiosa definição: “O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias”. Devemos então desprezar o tempo, não nos importarmos com as convenções do calendário? O fim do ano, por exemplo, nada mais seria do que um limite convencional, sem maior significação para a vida humana? “Nem o tempo nem o espaço existem, para o homem que conhece o eterno”, afirmou o pensador indiano Khrishnamurti. Os espíritas e os espiritualistas em geral, que conhecem a eternidade da vida e a imortalidade da alma, não deveriam levar em consideração as medidas relativas de espaço e de tempo?

Todo esse capítulo sexto de *A Gênese*, a que nos referimos, trata dos problemas fundamentais de espaço, tempo, matéria, espírito, criação e vida. E se nos mostra a relatividade de nossos conceitos, também nos demonstra a importância do relativo, no processo de nosso desenvolvimento espiritual. Trata-se do famoso capítulo sobre uranografia geral, recebido do espírito de Galileu, pelo astrônomo e médium Camille Flammarion, na Sociedade Espírita de Paris, entre 1862 e 1863. Kardec o incluiu em *A Gênese*, sob a orientação do Espírito Verdade, como um dos pontos essenciais do livro.

Conhecemos a concepção do Universo como estrutura tríplice, que nos é dada no capítulo segundo de *O Livro dos Espíritos*. O Universo se constitui de dois elementos fundamentais: espírito e matéria, subordinados ao poder supremo de Deus. Assim, a trindade universal, como assinala Kardec, é esta: Deus, Espírito e Matéria. No citado capítulo sexto de *A Gênese* vamos encontrar a apreciação dos conceitos de espaço e tempo, em função dessa mesma concepção do Universo. Ambos nos são apresentados

como formas conceptuais e, portanto, finitas, condicionadas à relatividade dos sentidos humanos, daquilo que poderíamos chamar o “imenso infinito” da realidade superior que nos escapa.

Esquematizando o problema, para torná-lo mais compreensível, podemos expô-lo assim, dentro da própria explicação do texto:

- 1º) O Universo, na sua constituição tríplice, é infinito em todos os sentidos: tanto espacial, quanto temporal e conceptual.
- 2º) O espaço é apenas a medida relativa da extensão, qualidade perceptível da imensidade. Quer dizer: existe a imensidade, da qual percebemos a extensão, que nos permite formular o conceito de espaço.
- 3º) O tempo é apenas a medida relativa da sucessão das coisas, na duração, que é a qualidade perceptível da eternidade. Quer dizer: existe a eternidade, da qual percebemos a duração, que nos permite formular o conceito de tempo.
- 4º) Imensidade e Eternidade, como aspectos do Absoluto, que mal podemos imaginar, pertencem à Realidade superior, ao plano supremo da Criação, onde conseguimos intuir a presença de Deus.

A medida do tempo, que nos leva a marcar os dias, os meses e os anos, embora convencional, tem, portanto, uma realidade que a fundamenta. Contando os anos, estamos contando a nossa percepção do fluir da duração na eternidade, da mesma maneira por que, contando os quilômetros, estamos contando o fluir da extensão na imensidade. E tanto o tempo quanto o espaço são reais para nós, em nossa condição de seres que vivem no mundo do relativo. Não podemos viver sem contá-los, sem levar em consideração a existência real do espaço e do tempo.

Mas o que importa, do ponto de vista espírita, é compreendermos a relatividade das coisas, de maneira a nos servirmos delas como necessidades imediatas, sem transformá-las em realidades absolutas. O espaço e o tempo devem ser, para nós, que conhecemos o Eterno, instrumentos de compreensão da

Realidade superior, e não formas de apego à realidade transitória. Foi isso que Jesus ensinou, ao declarar que aquele que se apegasse à vida perdê-la-ia, mas aquele que a perdesse encontrá-la-ia. Porque se apegar à vida é ligar-se inteiramente aos conceitos relativos de espaço e tempo, considerando a passageira encarnação terrena como a única forma de vida, depois da qual só existe a morte. Mas desapegar-se da vida é compreender a sua relatividade, a sua natureza transitória, e por isso mesmo aprender, com os ensinamentos de Jesus, a utilizá-la como simples meio de progresso espiritual, para a nossa ascensão a uma vida maior.

Cada ano que finda, em nossa existência temporária na Terra, é uma fração do tempo que usamos, bem ou mal, em nosso processo evolutivo. O fim do ano é assim uma oportunidade para avaliarmos o nosso bom ou mau uso do tempo, realizando o balanço de nossa vida, da mesma maneira porque as empresas comerciais procedem ao seu balanço anual de atividades, lucros e perdas. É tão errado pensarmos que o fim do ano nada significa quanto lhe atribuirmos excessiva importância. O ano chega ao fim: pensemos no que fizemos durante o seu transcurso e vejamos o que podemos fazer de melhor, no decorrer do novo ano. Mas, se verificarmos que perdemos o ano que finda, não nos desesperemos. Temos pela frente um novo ano, ainda intacto, como um presente do Eterno, para o nosso desenvolvimento na duração.

8

Sucedem-se as civilizações no processo da evolução terrena

A vida à procura de novas formas, na sua constante expansão – Analogia entre o papel do Cristianismo, perante o mundo antigo, e o do Espiritismo no mundo moderno – Uma advertência de Lodge

O Espiritismo, como o Cristianismo primitivo, vai se impondo ao mundo de maneira irresistível. A mitologia greco-romana era ainda senhora do mundo antigo e seus deuses de pedra ou metal dominavam nos templos do Império, quando o Cristianismo começou a se espalhar pela terra, como erva humilde que se alastra no solo, pisada pelos homens e desprezada pelos poderosos. Pouco a pouco, os princípios cristãos se infiltraram na gigantesca estrutura do Império, substituindo o vazio angustiante das religiões mitológicas e a vã sabedoria das escolas filosóficas dominantes.

O mundo se renova constantemente, porque o seu destino é a evolução. A sua lei básica, irreduzível, é a lei do progresso. Perecem as formas numa sucessão contínua, ao ritmo do desenvolvimento universal. Através das formas a vida cresce, se expande e exige novos instrumentos de manifestação. As civilizações, como as plantas, os animais e os homens, nascem, crescem, se desenvolvem, atingem o apogeu, entram em declínio e morrem. Mas não morrem apenas. Porque renascem também. Cerca de vinte civilizações já passaram na Terra. Suas estruturas desapareceram, mas o espírito que as animava ressurgiu nas seguintes. A grega foi herdeira da egípcia e da babilônica, a romana da grega, a nossa da grega e da romana.

Cada nova civilização traz consigo um novo e mais poderoso sopro do espírito. Segundo as observações de Dilthey e Whitehead, o espírito racionalista dos gregos fundiu-se no tempo com a mentalidade jurídica dos romanos e o providencialismo judeu-cristão, para a criação da consciência moderna, estruturada

lentamente no caldeirão ideológico da Idade Média. Dessa elaboração milenar resultou o esplendor da Renascença. O próprio nome atribuído ao fenômeno revela a sua natureza: a Renascença nada mais foi do que um renascimento do espírito das antigas civilizações numa nova forma, num corpo novo. É claro que não usamos a palavra “forma” no sentido aristotélico, mas no sentido comum de estrutura, de configuração exterior.

O Cristianismo constituiu o grande alicerce ideológico sobre o qual se ergueu o edifício de um novo mundo, de uma nova civilização, a partir da decadência do Império Romano. Mas os ideais do Cristianismo não puderam concretizar-se perfeitamente e desenvolver-se em plenitude na civilização moderna. A nova estrutura, herdeira da antiga, conservou muito daquela, da mesma maneira por que o organismo do filho repete as características paternas. O Cristianismo é uma revolução em marcha, suas transformações continuam em desenvolvimento. Prevendo a amplitude dessa revolução, o próprio Cristo anunciou, como vemos no Evangelho de João, a vinda de “um novo consolador”, o advento do Espírito de Verdade, incumbido de restabelecer a pureza dos seus ensinamentos e dar novo impulso à evolução terrena.

O Espiritismo é o cumprimento dessa promessa. Surgindo na hora precisa, em meados do século passado, no momento exato em que os princípios do Cristianismo, ameaçados pela estagnação dogmática, se defrontavam com o livre exame da nova mentalidade científica, ele abriu perspectivas inesperadas ao prosseguimento da civilização cristã. Kardec acentua esse fato, com palavras claras e precisas, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *A Gênese*. O Espiritismo é também um renascimento, é o que Emmanuel chamou “a renascença cristã”. Por isso, no momento em que o mundo moderno vacila, entre as crenças que não mais o satisfazem e as promessas do espírito científico, o Espiritismo se infiltra em toda a sua estrutura, para salvar o futuro, preparando as bases da nova civilização.

Todos os golpes desferidos contra o Espiritismo são tão inúteis como os que foram desferidos no passado contra o Cristianismo. A força do Espiritismo é a da própria vida à procura de nova forma, mais adequada à manifestação de seus novos desen-

volvimentos. Pouco importa que sua posição seja marginal, na cultura moderna. Também os estóicos e epicuristas, os rabinos de Jerusalém e os sábios de Roma e de Atenas consideravam marginal e supersticioso o Cristianismo. As lições da história deviam servir para alertar os espíritos mais arejados, chamando-lhes a atenção para afirmações como a de sir Oliver Lodge, o grande sábio inglês, para quem o Espiritismo “é uma nova revolução copérnica”.

Uma nova Terra e um novo Céu

A Terra se renova sempre aos nossos olhos. É a mesma, e ao mesmo tempo não é. Mas todas as suas renovações assemelham-se ao passar das estações que anunciam a Primavera. Há uma grande renovação que nos aguarda no futuro. Semelhante à criatura humana, que passa da infância à adolescência, desta à mocidade, desta à maturidade e desta à velhice, mas mesmo na velhice não completa o seu ciclo, assim é a Terra, nosso planeta, nosso mundo e nossa mãe. O homem, diz o filósofo Heidegger, é um ser que se completa na morte. Só a última transformação, a que se refere na Bíblia o Livro de Jó, completa o ser humano na sua elaboração terrena.

O Apocalipse, último livro do Novo Testamento, anuncia-nos em seu capítulo 21 um novo Céu e uma nova Terra. E logo após o Juízo Final, quando a Morte e o Hades (Inferno) são lançados no lago de fogo e desaparecem na segunda morte. A simbologia profética do Apocalipse confunde os leitores. Os que se apegam à letra tiram do texto interpretações absurdas. Mas os que penetram no espírito do livro compreendem que o novo Céu está se abrindo sobre a nova Terra. Tudo o que é iníquo, tudo o que é errado e condenável será lançado no lago de fogo, onde se dá a segunda morte, ou seja, onde os resíduos da evolução passam por nova transformação.

Os estudiosos divergem na interpretação do Apocalipse. Muitos o consideram como profecia já cumprida, referente apenas à queda do Império Romano. Mas a verdade é que os fins de ciclos se assemelham. Se a visão do apóstolo na ilha de Patmos se aplicava ao seu tempo, também se aplica ao nosso. Estamos na hora em que um novo ciclo da evolução terrena chega ao fim. Uma nova Terra começa a se mostrar aos nossos olhos. É um planeta diferente, cheio de uma população renovada, de uma nova Humanidade que sonha sob as bênçãos de um novo Céu.

Cumpra-se mais uma vez a visão apocalíptica. O Juízo Final se realiza. O homem velho é lançado no lago de fogo e enxofre

para que o homem novo apareça e domine o planeta. Nossa Mãe Terra geme nas dores do parto. Mas após as dores haverá alegria, a intensa alegria do coração materno que se debruça sobre o sorriso de uma criança. Louvemos a Deus por nos haver reservado para esta hora do mundo. E à maneira de João, repitamos as palavras da bênção: “A graça do Senhor Jesus seja com todos!”

10

O infinito e o finito

Deus é o espírito infinito, o Criador. Nós somos as criaturas, espíritos finitos. A idéia de Deus nos dá a perspectiva do Infinito. A idéia do homem nos mostra a estreiteza do finito. O Infinito é aquilo que não podemos conceber, pois a nossa mente finita não pode abrangê-lo. Deus é o Ser dos seres e tudo abrange na sua onisciência e na sua onipotência. O homem é o ser entre os seres, pequenina criatura apegada à crosta de um diminuto globo, de um grão de areia dos desertos da imensidade. Deus é uno e a sua unidade encerra as dimensões do Universo e além do universo. O homem é múltiplo e a sua multiplicidade se espalha na face da Terra como a poeira na planície.

Quem ousaria confundir Deus com o homem e o homem com Deus? O Criador dos seres e das coisas, de tudo quanto existe, existiu e está para existir, não cabe na limitada e mesquinha forma humana. Ele nos criou à sua imagem e semelhança porque nos criou espíritos. É nisso que nos assemelhamos a Deus, como o reflexo de nossa imagem numa gota d'água se assemelha a nós. Porque, na sua onipresença, Deus está em tudo. Ele é o princípio inteligente do Universo, esse poder misterioso que move os átomos na pedra, faz circular a seiva no vegetal, controla os instintos nos animais e acende no homem a luz da razão.

Um só Espírito impregna o Todo. Um só Espírito vela por todos. É o Espírito Supremo, Deus, nosso Pai. Mas os espíritos finitos, criados por ele, são muitos. Criados e semeados no universo, como as sementes no campo, os espíritos germinam na carne e crescem na vida. Deus fez o homem do barro da Terra. Formou-se nas entranhas da matéria e soprou-lhe nas ventas o sopro da vida. Essa imagem bíblica reflete o milagre da Criação. O sopro é o espírito, a ruach hebraica, o pneuma grego, o spiritus latino. Esse espírito é um só em todos os homens, mas cada homem é a sua manifestação particular. E em cada homem esse espírito finito anseia pelo Espírito Infinito.

O mundo pelo avesso

Dizia-me recentemente um amigo: “Estão virando o mundo pelo avesso!” E a impressão que se tem ao abrir os jornais, ligar o rádio ou a televisão, correr os olhos por uma vitrina de livraria ou dar uma volta pelas ruas é precisamente essa. Alguém enfiou a mão no fundo e puxou o avesso do mundo. Todos os princípios morais estão sendo atirados no lixo. Matar, violar, achincalhar, agredir e desrespeitar são as novas palavras de ordem. E tudo isso por que?

Há um século o Espiritismo proclamou a existência de uma lei de evolução dos mundos e demonstrou que o nosso mundo, o planetinha humilde em que viajamos no espaço, está passando por uma nova etapa de sua evolução. Quem conhece um pouco de geologia sabe que já fomos um mundo primitivo, sem vida. Quem conhece um pouco de história e de Antropologia sabe que já fomos uma humanidade animalesca, selvagem, evoluindo para as civilizações agrárias e avançando depois, lenta e penosamente, até os nossos dias. E quem enxergar um palmo adiante do nariz está vendo que damos agora um salto para uma nova civilização.

É fácil compreender que esse salto coletivo exige enorme esforço. O mundo contrai os seus músculos, a humanidade se atira no vácuo. A visão de futuro fascina, deslumbra os que a podem compreender, mas também aturde e desorienta os que apenas conseguem vislumbrá-la. Todos sabemos que temos de mudar, de passar de um sistema de vida para outro, de reformar as nossas idéias, mas nem todos compreendemos o que é isso. A maioria das criaturas está procedendo como ratos de navio na hora do naufrágio. É a hora do “vale tudo”.

Ninguém se engane, porém, diante do tumulto do mundo. Não caminhamos para a confusão, para a anarquia, para a baderna, mas para um mundo melhor. Os que lutam pelo bem e pela ordem, pela preservação dos grandes princípios morais que dignificam a vida humana, pela cultura e a beleza, pela bondade e a fraternidade, acabarão vencendo. “Os pacíficos herdarão a

Terra”, como ensinou Jesus. Os baderneiros serão simplesmente transferidos para mundos inferiores, pela ação compulsória da morte. Contra ela não há recursos; nem transplantes nem pílulas milagrosas podem valer. O mundo se renova pela sucessão das gerações.

Quantas civilizações desapareceram da Terra? Mais de vinte! Quantas instituições milenares foram reduzidas a pó? Milhares! Tudo passa e a vida continua triunfante o seu curso evolutivo. O Espiritismo nos ensina que esta hora do mundo é como a das trevas que precedem o alvorecer. Mas é preciso estudá-lo para bem compreender o que se passa. Uma leitura atenta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e um estudo sério de *O Livro dos Espíritos* nos deixarão tranqüilos nesta hora de agitações, de guerras e rumores de guerras.

Formas de reação do mundo moderno ao impacto dos princípios espíritas

**Na batalha contra os preconceitos, a maior luta deve
desenvolver-se no seio do movimento doutrinário
– Confusão do Espiritismo com seitas religiosas
– Trabalho para os pregadores**

São várias as formas de preconceito existentes no mundo, com referência ao Espiritismo. Essas formas têm a sua origem comum na incompreensão do processo da evolução espiritual do homem. Essa incompreensão, por sua vez, deriva de duas fontes culturais: de um lado, a cultura materialista do nosso tempo, que conserva a atitude preconceituosa do movimento científico nos dois últimos séculos, com relação às questões espirituais; de outro lado, a cultura religiosa, de tipo teológico, em que não há lugar para o livre pensamento.

Há, portanto, dois tipos fundamentais de anti-espiritismo. Um deles é o científico, dominante nos meios do padrão cultural elevado. Outro é o religioso, que se reveste nas altas classes de aspecto filosófico, mas no seio do povo se revela apenas pela agressividade do sectarismo. As pessoas que alimentam o primeiro tipo costumam aferrar-se ao sentido positivo das ciências, negando qualquer possibilidade de verificação positiva dos princípios espíritas. Consideram o Espiritismo como simples revivescência do passado animista do homem. As pessoas que alimentam o segundo tipo, o preconceito religioso, acusam o Espiritismo de demoníaco, herético, e procuram confundi-lo com as formas de fetichismo do passado e do presente.

É claro que essas duas atitudes representam uma grande barreira à difusão dos princípios espíritas. São, por assim dizer, duas formas eficientes de reação do mundo moderno ao poderoso impacto do Espiritualismo, que ameaça a sua estrutura. Aquilo que costumamos chamar “a civilização cristã”, e que de Cristianismo não tem mais que o fermento do Evangelho, possui, como

todas as civilizações, o seu instinto de conservação. Ao sentir que o Espiritismo, na sua feição de Cristianismo Redivivo, constitui uma grave ameaça para os seus padrões de cultura e de conduta, reage violentamente contra ele. Da mesma maneira, aliás, por que a civilização greco-romana reagiu contra o poderoso impacto do Cristianismo Primitivo, que realmente lhe ameaçava a estrutura.

A maioria espírita, constituída por homens do povo, como todas as maiorias, não possuindo a visão total da doutrina, nem a compreensão exata do processo de evolução espiritual, rebela-se contra essas reações do mundo moderno. A rebelião se manifesta, por sua vez, numa forma de auto-defesa. Os organismos doutrinários se fecham, como verdadeiros redutos da nova fé, isolando-se do meio profano. Exatamente o que acontecia com os primeiros núcleos cristãos no mundo antigo. E o Espiritismo, transformado assim numa nova seita religiosa, confunde-se com as demais seitas e com elas se empenha na velha luta que caracteriza a vida religiosa no mundo.

A grande batalha do Espiritismo contra os preconceitos tem de ser travada, portanto, em primeiro lugar, dentro do próprio movimento espírita. Antes de se defender contra a reação natural do mundo moderno aos seus princípios renovadores, o Espiritismo precisa enfrentar essa defesa no âmbito interno do movimento doutrinário, procurando elevar os seus adeptos à verdadeira compreensão da doutrina. É imprescindível que os oradores e conferencistas espíritas procurem insistir nesse ponto, mostrando aos adeptos a grandeza da doutrina, a fim de que ela não continue a se confundir com as formações sectárias. Não interessa ao Espiritismo a luta religiosa. O que interessa é o alargamento da compreensão religiosa do homem, a superação do sectarismo.

Conquistada a compreensão geral dos espíritas, elevada a consciência do movimento doutrinário a um plano superior, a batalha estará ganha, porque a derrota dos preconceitos a que acima aludimos é uma questão de tempo. As forças da evolução trabalham pelo Espiritismo. Da mesma maneira por que os preconceitos culturais de gregos e romanos e os preconceitos religiosos do mundo antigo não foram capazes de deter a poderoso-

sa corrente do Cristianismo, os atuais preconceitos não deterão a corrente espírita, que dia a dia se avoluma. O fundamental, portanto, é o trabalho interno, é o esclarecimento constante do próprio movimento espírita. Empenhemos, nesse sentido, todas as nossas forças e estejamos tranqüilos quanto ao futuro, que, como dizia Bozzano, pertence ao Espiritismo.

13

Novos caminhos que se abrem para a compreensão da vida

**Três objetivos do Espiritismo – Fé iluminada pela razão e
razão iluminada pela fé – Como se pode “naturalizar a religião”**

O grande trabalho do Espiritismo no mundo é mostrar aos homens a realidade da sobrevivência, a finalidade evolutiva da vida terrena e a necessidade de orientação evangélica do indivíduo e da sociedade. A sobrevivência, ao mesmo tempo em que liberta o homem do terror da morte, sobrecarrega-o de responsabilidades morais. A compreensão de seu destino evolutivo, alargando-lhe os horizontes mentais, aprofunda-lhe o senso dessas responsabilidades. E o Evangelho então lhe aparece na sua verdadeira significação de código divino, para orientação das criaturas terrenas em direção ao céu.

Não é somente o Espiritismo que prega a sobrevivência. Todas as religiões o fazem. Não é ele apenas que ensina a lei da evolução, através das vidas sucessivas. Numerosas escolas espiritualistas o fazem. Não é só ele que indica ao homem o roteiro do Evangelho. Todas as religiões cristãs o pregam. Mas acontece que o Espiritismo reúne, em sua estrutura doutrinária, tudo quanto mais condiz com o espírito do homem moderno: a sobrevivência não é apenas pregada por ele, mas sobretudo demonstrada, através de observações e pesquisas científicas; a reencarnação não é ensinada como um dogma de fé, mas como uma lei natural, que se pode comprovar em toda a natureza, e suscetível também de investigação científica; o Evangelho não é apontado como um código misterioso, em que as contradições ou dubiedades tenham de ser respeitadas, mas como um livro humano em que se refletem os ensinamentos divinos de Jesus, que a mente esclarecida deve saber separar dos elementos circunstanciais.

De um lado, pois, a missão do Espiritismo é restabelecer no espírito moderno, através da razão e da Ciência, a fé religiosa.

De outro lado, porém, é libertar essa fé das imposições dogmáticas e dos convencionalismos sociais. Provando a sobrevivência, através de demonstrações científicas, o Espiritismo reforça a crença espiritual do homem, mas ao mesmo tempo transfere os motivos dessa crença, do terreno da fé dogmática, do crer pelo crer, para o terreno da razão. Demonstrando a realidade da reencarnação, como uma lei natural, o Espiritismo reafirma os ensinamentos de várias religiões e ordens teosóficas ou ocultistas, mas não o faz de maneira mística ou por motivos apenas tradicionais, e sim mediante o raciocínio e a pesquisa. Indicando ao homem os rumos do Evangelho, o Espiritismo restabelece a velha orientação cristã, mas não por obediência a costumes e sistemas, e sim pela compreensão da verdade dos princípios do Cristo.

O Espiritismo se apresenta, assim, como um elemento reorganizador da vida espiritual do mundo moderno. Suprime as divergências entre Religião, Filosofia e Ciência, reintegrando esses três ramos do conhecimento no contexto da consciência contemporânea, como três formas distintas do conhecer, mas necessariamente ligadas na harmonia do todo. Graças à sua posição renovadora, desloca os fatos espirituais do terreno incerto do miraculoso, para transportá-los ao da razão. Com isso, transforma a alma e o espírito, de objetos de suposições e especulações abstratas, em objetos de observação e pesquisa científica. Podemos dizer, repetindo uma expressão de Labriola, que o Espiritismo “naturaliza a Religião”.

É claro que toda essa revolução parece herética, para as pessoas apegadas ao misticismo religioso. Dificilmente uma criatura que se acostumou a crer por crer, a aceitar o que lhe disseram desde criança, a ter fé no mistério e a encarar o mundo e a vida como coisas procedentes do sobrenatural, poderá aceitar a posição renovadora do Espiritismo. Mas, por outro lado, as pessoas, cada vez mais numerosas, que não podem aceitar as crenças tradicionais, e que flutuam entre a crença e a descrença, encontrarão no Espiritismo um rumo seguro para a sua própria renovação espiritual.

A fé espírita, como dizia Kardec, é iluminada pela razão, mas a razão espírita, por sua vez, é iluminada pela fé, de maneira que

não pode ser confundida com a razão cética. Enquanto esta é espiritualmente estéril, a razão espírita é espiritualmente fecunda, abrindo para a mente humana perspectivas cada vez mais amplas de compreensão do homem, do mundo e da vida.

Lenta a libertação do espírito de atitudes mentais do passado

Acusações de há dois mil anos, que se repetem no presente
– **Formas arcaicas de combate à doutrina**
– **Religião e Ciência**

A posição do Espiritismo no mundo moderno assemelha-se bastante à do Cristianismo no mundo antigo. De um lado, vemos a repulsa das religiões cristãs aos princípios espíritas, sob pretextos idênticos e no mesmo tom de agressividade com que o Judaísmo repudiava os princípios cristãos. De outro lado, é a cultura mundana a repelir e condenar o Espiritismo, com desprezo semelhante à cultura antiga pelo Cristianismo nascente. Se, para gregos e romanos, os cristãos não passavam de feiticeiros ou de ignorantes, e para os judeus eram mais do que hereges, para a sabedoria mundana dos nossos dias e para os cristãos das igrejas atuais os espíritas não merecem outras classificações.

Não é raro ouvirmos expressões como esta: “Não posso me conformar com o fato de fulano ou sicrano, tão bons e tão cultos, serem espíritas!” Vai implícita nessa inconformação a mesma acusação de demonismo que se fazia no passado aos cristãos, e à qual o próprio Cristo não escapou. Se Fulano e Sicrano são bons, não deviam ser espíritas, porque o Espiritismo é mau. Se são cultos, muito menos, porque o Espiritismo é inculto, ou mais ainda, representa mesmo a anti-cultura, é o que de mais primitivo e tosco pode existir em matéria de concepção do mundo e da vida. Se ainda estivéssemos na era escravagista, o Espiritismo seria acusado de “religião de escravos”, como o foi o Cristianismo. Mas, para não falar nem mesmo nessa semelhança, há pessoas que o chamam de “religião de negros”.

O que espanta, nisso tudo, é ser possível no mundo moderno, com as conquistas realizadas pelo humanismo no plano da fraternidade e a vitória dos princípios de liberdade de pensamento, repetir-se o episódio histórico do advento do Cristianismo.

Em compensação, não temos o suplício nos circos, na cruz, no apedrejamento ou nas chamas. A ausência do martírio físico assinala a evolução dos tempos, mas a sumária condenação intelectual mostra como é lenta essa evolução. Os costumes se modificaram, ao impacto dos princípios renovadores, ao longo de lutas sangrentas e infindáveis disputas verbais. Os espíritos, entretanto, continuam apegados, no seu foro íntimo, aos velhos esquemas mentais da intolerância e da presunção.

Em geral, condena-se o Espiritismo sem conhecê-lo. Repelem-se acusações descabidas, com uma irresponsabilidade de arrepiar. Confunde-se a mais pura doutrina cristã, restabelecida em espírito e verdade na codificação de Kardec, com as práticas fetichistas de escravos e índios, misturadas a credences do catolicismo popular. Pouco importa a verdade, pois o que é preciso é acusar e condenar. Ainda há pouco, um dos grandes diários paulistanos trazia expressivo anúncio, convidando os interessados em combater o Espiritismo a se alistarem numa nova cruzada, e acentuando: “Não é necessário conhecer a doutrina”. Por vários dias, esse anúncio permaneceu em exposição no Clube dos Jornalistas Espíritas,³ como exemplo vivo da maneira por que se pretende sufocar a doutrina.

Os livros e artigos publicados contra o Espiritismo refletem o espírito de intolerância e presunção do passado, repetindo acusações absurdas, já largamente desmentidas por espíritas e não-espíritas. As posições do anti-espiritismo são as mesmas de sempre: o fanatismo religioso e a presunção científica. O mundo em que vivemos, entretanto, não comporta mais essas atitudes sentimentais, desprovidas de qualquer base racional. O homem moderno já se libertou do temor do desconhecido, que impedia as viagens marítimas, e lançou-se à conquista do espaço. O Espiritismo, com seu clima de absoluta liberdade espiritual, de livre indagação, contrário aos tabus religiosos e às credences ou superstições, não pode ser confundido, por nenhuma pessoa de mediana cultura, com formas de magia ou de sincretismos religiosos.

Os princípios espíritas são firmados na lógica e comprovados pela experimentação científica – e o que é mais sério –, realizada

esta por cientistas não-espíritas, de renome universal. Com isto, o Espiritismo não pretende reduzir a Religião à Ciência, mas provar, como de fato prova, que a Religião, quando despida do formalismo e do dogmatismo do passado, pode ser amplamente confirmada pela Ciência. “A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as etapas da evolução humana.” Esse dístico, inscrito por Kardec na porta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, define a posição da doutrina em face dos problemas, aparentemente contraditórios, de Religião e Ciência. Como se vê, combater uma doutrina dessa natureza com os recursos sectaristas do passado é fazer como Dom Quixote, que atirava sua lança contra as hélices poderosas dos moinhos, para espanto do seu escudeiro. Os pobres Sanchos que ainda hoje acompanham, aos milhares, certos fidalgos cavaleiros, acabarão espantados com a falta de raciocínio de tão ilustres cabeças.

15

Juventude inquieta

“Os jovens tocam a rebate em toda renovação”, escreveu José Ingenieros em seu catecismo cívico para a juventude latino-americana, *As Forças Morais*. A juventude sempre foi inquieta, inconformada, sonhadora. Graças a ela o mundo se renova. Mas jamais houve tanta inquietação juvenil como hoje. Porque o mundo passa por uma fase de transição evolutiva, como sabemos, e as novas gerações não vieram para se acomodar, mas para buscar novos caminhos. É claro que a juventude espírita não poderia ficar à margem desse processo. Ela também se inquieta.

Muitos dos espíritas veteranos (“os quadrados”, como dizem alguns jovens) assustam-se com isso e querem frear os jovens de uma ou de outra maneira. *O Livro dos Espíritos*, porém, nos ensina que ninguém pode deter a evolução. Não há freios que possam segurar o avanço dos jovens para o futuro. Não obstante, há um meio de ajudá-los na sua inexperiência muitas vezes perigosa. Os jovens mais afoitos pretendem lançar o movimento espírita nas agitações políticas deste momento do mundo. Açam que o Espiritismo se acomodou e pretendem esporeá-lo para que avance. Mas se esquecem de que o Espiritismo já é, em si mesmo, o começo do novo mundo que eles desejam criar na Terra.

Não devemos temer esses jovens nem condená-los. Mas é claro que devemos e precisamos corrigir os seus enganos. Não é fácil corrigir um jovem e muito menos um grupo “avançado”. Quando, porém, se trata de jovens espíritas, dispomos da arma poderosa da própria doutrina. Podemos ser todos quadrados, acomodados ao século, compromissados com as injustiças do mundo atual. Mas se apesar disso formos capazes de mostrar aos jovens que a doutrina não se coaduna com os seus impulsos juvenis, com a sua pressa e a sua precipitação, talvez sejamos ouvidos.

Nenhum espírita consciente, realmente conhecedor dos princípios doutrinários, pode se conformar com a “corrupção do século”, como dizia o apóstolo Tiago. Todo espírita convicto

anseia pelo estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Mas, pelo fato mesmo de ser convicto, sabe que esse reino não virá por sinais exteriores. As injustiças do mundo têm suas raízes no coração do homem, pois é o homem quem faz o mundo. A política mundana, em todos os seus aspectos, é dominada pela astúcia, a sagacidade e a violência dos instintos animais do homem. O Espiritismo luta contra esses instintos, conservados pelo egoísmo. A ação espírita só pode ser política no bom sentido da palavra: ação pessoal para melhorar-se cada um no seu coração, e ação social para consertar os erros do mundo através do amor e da caridade. Não se pode construir com ódio, violência e astúcia um mundo de justiça e pureza. Os materiais de construção são outros: o amor, a mansidão e a verdade. Assim, a batalha do Espiritismo é de construção e jamais de destruição.

16

O que é o Espiritismo

I – A terceira Revelação

O Espiritismo é a última Revelação divina recebida pelos homens, de acordo com a promessa de Jesus no Evangelho de João: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco.” (João, 14:16).

Sua missão é guiar os homens à Verdade, restabelecendo o ensino do Cristo em sua pureza primitiva e abrindo novos horizontes à compreensão humana da vida: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a Verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.” (João, 16:12-14).

Com Moisés, os homens receberam do Alto a primeira Revelação da realidade espiritual da vida. Essa revelação, que foi reunida pelos hebreus na grande codificação da Bíblia, sobrepuja-se a todas as formas religiosas do tempo, e conduziu o povo hebraico à concepção do Deus único. Mas na própria Bíblia encontramos o anúncio da segunda Revelação, do advento do Messias, que se cumpriu com a vinda de Jesus, oferecendo ao mundo a mais elevada forma de Religião até então possível. E foi o próprio Messias quem anunciou, como vimos no Evangelho de João, a terceira Revelação, destinada a restabelecer os seus ensinamentos, que seriam deturpados pelos homens, e a ampliação de acordo com as novas necessidades da evolução terrena.

A primeira e a segunda Revelações foram pessoais e locais, transmitidas por Moisés e Jesus a um determinado povo: o hebreu, incumbido de transmiti-las aos demais povos. A terceira Revelação não foi pessoal nem local, mas espiritual e universal. Os espíritos a transmitiram em todo o mundo, através de suas

comunicações, e Allan Kardec as codificou, como os hebreus codificaram a Bíblia e como os cristãos codificaram o Evangelho. Os hebreus reuniram os vários livros escritos sobre a primeira Revelação e deles fizeram a Torah, ou a Bíblia que hoje conhecemos. Os cristãos tiveram de reunir os vários livros escritos sobre a segunda Revelação, ou seja, os relatos dos quatro evangelistas, as epístolas e o Apocalipse, e com eles formar o Evangelho ou Novo Testamento. Os espíritas, pelas mãos de Kardec, o missionário, reuniram as comunicações mais esclarecedoras dos Espíritos do Senhor, que constituíam a Falange Luminosa do Espírito da Verdade, e com elas formaram a Codificação do Espiritismo.

Assim como a primeira Revelação foi rejeitada por muitos hebreus, tendo Moisés de agir com energia para impô-la ao seu povo, e assim como a segunda Revelação foi rejeitada por quase todo o povo hebreu, a ponto de Paulo precisar levá-la aos gentios para que ela se difundisse no mundo, assim também a terceira Revelação foi rejeitada por judeus e cristãos, sendo aceita apenas por uma minoria. E assim com as igrejas judaicas da época chamaram Jesus de embusteiro e de instrumento do Diabo, levando-o à condenação e ao suplício, assim as igrejas cristãs de hoje chamam Kardec de embusteiro e o Espiritismo de instrumento do Diabo, tentando aniquilá-lo. Mas assim como as duas primeiras Revelações triunfaram, a terceira também triunfará. Porque essa é a vontade do Pai, que está nos Céus.

II – Alicerce de uma nova era

A revelação espírita, ou a terceira Revelação, como seqüência natural e necessária das duas anteriores, a de Moisés e a do Cristo, tem por fim estabelecer na Terra uma nova era. O Espiritismo se apresenta, assim, como o alicerce sobre o qual se erguerá o edifício da nova civilização terrena.

Não se deve confundir o Espiritismo com uma seita religiosa, sob pena de não se poder compreendê-lo. Seitas religiosas sempre houve no mundo, em quantidade, e nunca serviram senão em

sentido local e restrito. O Espiritismo, a exemplo do Mosaísmo e do Cristianismo, é toda uma revelação, e sua missão é universal. Assim como o Mosaísmo renovou o mundo antigo e o Cristianismo reformou a Terra, o Espiritismo tem por fim efetuar uma nova e mais profunda reforma.

A primeira Revelação, dada aos homens numa época distante, nos primórdios da evolução da civilização terrena, conseguiu reformar apenas uma parte do mundo, modificando a concepção judaica da vida. Os reflexos dessa reforma, porém, se fizeram sentir por toda parte, graças à dispersão dos judeus. A segunda Revelação, aparecendo em época mais adiantada, exerceu influência maior e mais profunda. Sobre os seus princípios construiu-se a chamada Civilização Cristã, em que ainda hoje vivemos. A terceira Revelação terá influência ainda maior, não se limitando à metade da Terra em que se espalhou o Cristianismo, mas envolvendo o mundo inteiro e fazendo surgir a verdadeira Civilização Cristã, no cumprimento da promessa do Consolador.

Os próprios espíritas, em geral, ainda não compreendem esse alcance gigantesco da doutrina. Sem essa compreensão, entretanto, a visão que podemos ter do Espiritismo se torna bastante estreita. Essa compreensão nos mostra que o Espiritismo é uma ideologia e não apenas uma seita religiosa. Como ideologia, como forma geral de interpretar o mundo e a vida, o Espiritismo encerra em si os três ramos fundamentais do conhecimento: a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Todas as pessoas que quiserem bem compreender o Espiritismo precisam pensar na doutrina dessa maneira global. E será bastante lerem com atenção a Introdução e o Capítulo I de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, para terem uma explicação clara e perfeita do que acabamos de escrever.

III – A Ciência Espírita

Já demonstramos, nesta seção, que o Espiritismo é a terceira Revelação, na seqüência lógica e natural das revelações cristãs. Demonstramos, a seguir, que o seu papel no mundo, a exemplo

do que fizeram a primeira e a segunda Revelações (Moisés e Cristo), é a de reformar inteiramente o homem e a sociedade, com vistas ao estabelecimento do Reino de Deus na Terra. E demonstramos ainda que, para cumprir essa missão, o Espiritismo se apresenta como verdadeira síntese do conhecimento, englobando na sua estrutura doutrinária os três ramos fundamentais do saber humano: a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Na ordem natural, a evolução se processa em sentido contrário ao daquele em que colocamos essas palavras. A princípio, o homem é religioso; depois, aprende a filosofar, e por fim, descobre a Ciência. Mas, na estrutura doutrinária do Espiritismo, temos em primeiro lugar a Ciência. Porque, sendo o Espiritismo uma doutrina, sua origem formal está na razão. A marcha natural da evolução se inverte no plano racional. Assim, temos primeiramente a Ciência Espírita, que se constitui da classificação e exame, observação e experimentação dos fenômenos espíritas.

A Ciência Espírita, ou o Espiritismo Científico, é uma disciplina que vem sendo elaborada por todos os que se dedicam ao estudo dos fenômenos de ordem psíquica. Não é trabalho exclusivo dos espíritas. Pelo contrário, muito contribuíram e contribuem para a sua elaboração os cientistas materialistas e de variadas convicções espiritualistas. William Crookes, por exemplo, verificou os fenômenos e estudou-os antes de ser espírita. Charles Richet construiu o edifício da Metapsíquica, também antes de se tornar espírita. Atualmente, Joseph B. Rhine, da Universidade de Duke, Carolina do Sul, Estados Unidos, fundou a Parapsicologia, sem ser espírita.

Assim, a parte científica do Espiritismo é a que se refere ao estudo científico dos fenômenos de comunicação mediúnica, materialização de espíritos, voz direta, movimentos de objetos, “raps” ou pancadas, e todos os demais. Esse estudo, comprovando a existência independente do espírito, e portanto a sobrevivência do homem, é a base sólida sobre a qual se revelam a Filosofia e a Religião Espíritas.

IV – A Filosofia Espírita

A Filosofia Espírita é a interpretação dos fenômenos verificados e estudados pela Ciência Espírita. Esses fenômenos revelam ao homem a estrutura do Universo, que é a seguinte, como vemos em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec: Deus, Espírito e Matéria. Uma vez constatada essa realidade e descoberto o mecanismo pelo qual o espírito se manifesta através da matéria, cessa o trabalho da Ciência, para começar o da Filosofia.

Geralmente se define a Filosofia como reflexão. Enquanto a Ciência é investigação, é pesquisa, a Filosofia é pensamento, elaboração mental. A Filosofia Espírita nos oferece, pois, com base nos resultados da investigação da Ciência Espírita, uma visão geral do Universo e suas leis. Essa visão é perfeitamente orgânica, de tal maneira que podemos compará-la a uma grande sinfonia, dirigida por Deus. Com a regência da divina batuta, a música universal transpõe os séculos e os milênios.

A Filosofia Espírita, como disse Kardec, pertence genericamente ao que costumamos chamar Filosofia Espiritualista, porque a sua visão do Universo não se prende à matéria, mas vai até o espírito, que considera como causa de tudo o que percebemos no plano material. Englobando na sua interpretação cosmológica a Ciência Espírita e tendo como consequência a Religião Espírita, a Filosofia Espírita encerra em si mesma toda a doutrina. É por isso que *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da doutrina, não é propriamente um livro científico ou religioso, mas um tratado filosófico.

Algumas pessoas estranham a forma dialogada desse livro, e os filósofos e estudantes de Filosofia, em geral, costumam colocá-lo à parte, não o considerando obra filosófica. Por que acontece isso? Porque *O Livro dos Espíritos*, como já anteriormente aconteceu com os Evangelhos, não está escrito na linguagem técnica da Filosofia. Mas a sua estrutura é a de um tratado, os seus problemas são essencialmente filosóficos e, como se verifica nos seus prolegômenos, a intenção de Kardec não foi oferecer ao mundo um tratado sistemático, mas uma Filosofia

racional, “livre dos prejuízos do espírito de sistema”. Esse é o espírito da Filosofia Espírita, como foi o espírito da Filosofia cristã primitiva, que os homens acabaram sistematizando e deturpando.

Escândalo para as religiões e loucura para a humanidade

Uma das maiores dificuldades da prática do Espiritismo – não da prática de sessões, mas da vivência espírita, da aplicação dos princípios doutrinários à vida prática, – reside na falta de compreensão dos objetivos da Doutrina. As pessoas que ingressam no Espiritismo, vindas do campo religioso, pretendem praticá-lo à maneira de uma nova seita. As que provêm do campo materialista, ou simplesmente do descampado da descrença, querem acomodá-lo ao *dolce far niente* a que estavam habituadas.

Nenhuma dessas duas atitudes corresponde aos objetivos do Espiritismo. O espírita não pode ser um religioso do tipo comum, apegado aos santos de sua devoção ou aos Espíritos Guias, aferrado fanaticamente às tendências místicas do passado, porque o Espiritismo o liberta desse condicionamento emocional, chamando-o à responsabilidade própria, através do uso da razão. O espírita não pode ser, também, um indiferente aos problemas religiosos, um crítico amargo da religiosidade alheia, um homem apegado ao mundo com unhas e dentes, porque o Espiritismo lhe ensina a respeitar as etapas evolutivas da humanidade e ao mesmo tempo o liberta das atrações e ilusões da vida material.

A posição do espírita é certamente difícil, porque é a do equilíbrio entre os extremos. Nem fanatismo religioso, nem apego à vida prática, nem indiferença pela Religião ou pela vida. Por isso mesmo, os religiosos nos acusam de falta de Religião e os materialistas nos acusam de fanáticos e sectaristas. Isso deve lembrar-nos a frase de Paulo, o apóstolo: “Cristo crucificado é escândalo para os judeus e loucura para os gregos” (I Coríntios, 1:23). Os judeus não podiam compreender um Messias condenado, como os gregos achavam loucura um “deus” submetido à justiça humana.

A posição do espírita é hoje escândalo para os religiosos e loucura para os homens do mundo. Porque o espírita não se submete aos dogmas e sacramentos da liturgia humana, como

também não se perde na competição das glórias e conquistas mundanas. Consciente do processo evolutivo, que o Espiritismo lhe ensina, o espírita só admite a fé raciocinada e por ela regula a sua conduta.

Do racional e do misterioso nos princípios doutrinários

Posição atual do homem em face do universo
– O mistério do “aquilo que ainda não foi explicado”
– Evolução da mente humana

Quando tratamos do Espiritismo como Religião racional, capaz de atender ao anseio de esclarecimento dos problemas espirituais, de acordo com as tendências do homem moderno em todos os campos do conhecimento, não queremos dizer que o Espiritismo desvende todos os mistérios. A natureza racional da doutrina constitui apenas uma direção do pensamento. Seria demasiada ingenuidade supor alguém, nesta fase da evolução humana, que alguma doutrina pudesse “explicar tudo”. O Espiritismo não tem essa pretensão. O que ele pretende é apenas mostrar que tudo pode ser conhecido e explicado, na proporção em que o homem evolui, e que os mistérios de hoje serão desvendados amanhã.

É curioso como as afirmações mais puras, mais livres de segundas intenções, acabam servindo de motivo para combate ao Espiritismo. Se, de um lado, dizemos que no Espiritismo não há mistérios, surgem adversários acusando a doutrina de simplista. Se, de outro lado, dizemos que o Espiritismo não pode explicar tudo, surgem os que nos acusam de simplismo de outra natureza, por incapacidade filosófica. Mas a verdade é a verdade e não podemos fazer o papel do homem que acabou carregando o burro que lhe servia de montaria. A verdade, neste caso, é uma só. Os que não quiserem vê-la fecharão os olhos – e ao pior cego nada se pode mostrar –, mas os que desejarem compreendê-la, facilmente a verão. A verdade é que o Espiritismo é uma doutrina racional, que procura o esclarecimento de todos os problemas em termos de razão, mas não considera o homem suficientemente evoluído para saber tudo.

Quando dizemos que não há mistérios no Espiritismo, não queremos dizer que não haja mistérios no mundo. Realmente, o Espiritismo procura explicar o Universo através da razão humana, de maneira compreensível. Mas há coisas que estão além da razão, como, por exemplo, o problema do início das coisas. Os próprios Espíritos, interpelados a respeito, responderam a Kardec que não estavam em condições de esclarecer o problema. Não obstante, adiantaram: “O véu se levanta para o homem à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, faltam-lhe faculdades que ele ainda não possui.” Quando Kardec pergunta: “Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus”, os Espíritos lhe respondem: “Não; falta-lhe um sentido para isso.”

Bastariam esses exemplos, tirados de *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental do Espiritismo, para vermos que a doutrina não tem a pretensão de explicar tudo, de tudo esclarecer. Podemos dizer que ela explica o que é possível explicar, no estado atual da evolução humana. Há doutrinas que se apresentam como explicações gerais e completas do Universo e da vida, socorrendo-se do conceito de “mistério” para entrar no terreno do inexplicável. O Espiritismo declara que o mistério não é mais do que aquilo que ainda não podemos compreender. Assim, antes da explicação espírita, a morte era um mistério, mas hoje, ao menos para os espíritas, já não mais existe “o mistério da morte”.

A Doutrina Espírita é essencialmente evolucionista. Esta a sua natureza essencial. O homem, como dizia sir Oliver Lodge, não é para ela uma criatura acabada, mas em desenvolvimento, em formação. Atualmente, o homem não pode perceber certas coisas, que estão acima do poder da sua inteligência. Mas, com o tempo, a evolução completará a sua obra e o homem as compreenderá. Justamente por isso, o Espiritismo condena a exploração do mistério, no tocante às coisas espirituais. Não convém cercar o homem de mistérios, pois ele se tornará presa fácil de espertalhões nada misteriosos, e o que é pior, renunciará até mesmo a compreender o compreensível. O Espiritismo prefere mostrar ao homem a sua potencialidade infinita, no terreno da razão e da inteligência, da compreensão progressiva das coisas.

Sobrevivência e imortalidade

O Espiritismo tem a imortalidade da alma como princípio doutrinário. Mas o Espiritismo prova apenas a sobrevivência da alma à morte do corpo. Sabendo-se que o Espiritismo é Ciência, da qual decorre uma Filosofia, que resulta em Religião, poderíamos perguntar se a afirmação da imortalidade não pertence apenas ao campo religioso ou talvez ao duplo campo filosófico-religioso.

Nesse caso haveria um conflito ou uma extensão indébita de um princípio fundamental da doutrina. O princípio da imortalidade é um dos que caracterizam o Espiritismo, um dos fundamentos da sua estrutura conceptual. Haveria então um conflito entre a natureza científica do Espiritismo e a sua estrutura doutrinária? Não, porque a Ciência, qualquer que ela seja, não é, como geralmente se pensa, exclusivamente um campo de certezas. É também um campo de induções e probabilidades. Mesmo porque, sem essas duas coisas, nenhuma Ciência poderia se desenvolver.

O maior exemplo nesse sentido é o princípio científico da ordem universal. Sem esse princípio não poderia haver conhecimento, portanto não haveria Ciência. Entretanto, as Ciências só conhecem uma pequena área do Universo, demasiado limitada, da qual inferem a ordem universal. Isto levou o filósofo Whitehead a afirmar que a Ciência, da mesma forma que a Religião, também necessita da fé e nela se apóia. Agora mesmo, na Física e na Astronomia, na Psicologia e na Genética, as Ciências jogam com induções e probabilidades, recorrem a uma espécie de fé indutiva e crítica, ou seja: racional, que é precisamente o tipo de fé sustentado pelo Espiritismo.

A Ciência Espírita, como ensinou Kardec, vai além da Ciência comum, porque esta se refere ao elemento material do Universo: a sua objetividade corresponde ao sensorial. A objetividade da Ciência Espírita corresponde ao conceptual, porque ela é a Ciência do elemento inteligente do Universo, a Ciência do

Espírito. Por isso Kardec chegou a negar à Ciência comum competência para julgar o Espiritismo (“Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, em *O Livro dos Espíritos*). Mas a Ciência Espírita e a Ciência comum têm uma zona limítrofe, que é a das manifestações, dos fenômenos. Nessa zona elas se encontram e se dão as mãos para marcharem juntas, como agora começa a se verificar, no campo da Parapsicologia.

O problema da imortalidade, visto do campo fenomênico, parece insolúvel. Mas a Ciência comum possui também a sua área de insolubilidade no campo fenomênico e precisa escapar para o campo dos conceitos, como vimos no caso da indução e da probabilidade. Dessa maneira, não há nada de anticientífico na indução espírita que, partindo das provas fenomênicas da sobrevivência, chega à afirmação do princípio da imortalidade. Essa afirmação é cientificamente válida por todas estas razões:

- a) tem por fundamento as provas universais de sobrevivência do espírito, produzidas pela observação dos fatos e pela experimentação científica;
- b) firma-se na natureza substancial do elemento inteligente (ou espiritual) que gera e mantém o elemento material, de natureza accidental;
- c) tem a seu favor a afirmação peremptória dos Espíritos Superiores, que conhecem melhor do que os homens o mundo espiritual e a vida que nele vivem;
- d) tem ainda a seu favor a intuição geral do homem, em todas as épocas e em todas as latitudes da Terra e o testemunho de todas as grandes Religiões, que são formas de conhecimento como as próprias Ciências;
- e) apóia-se na lógica, nessa mesma lógica que determina o princípio da ordem universal da Ciência comum;
- f) é confirmada pelas manifestações universais de espíritos procedentes das épocas mais remotas e pelas comunicações de espíritos procedentes de mundos superiores e de planos espirituais elevados.

O problema lógico, referido no item “e”, implica a própria concepção do Universo e da vida. Assim como a Ciência comum

não prescinde da “ordem universal”, sem a qual ela mesma não poderia existir, a Ciência Espírita não prescinde da imortalidade, que é a *razão necessária* de toda a Doutrina Espírita. A sobrevivência mortal do espírito seria a negação da explicação espírita do Universo, uma espécie de simples adiamento da morte, transferida de um plano para outro da vida. Mas existe ainda um problema mais grave: a inexistência da imortalidade do espírito seria o desmantelamento conceptual do Universo, transformado em monstruoso mecanismo em que a inteligência se reduziria a simples epifenômeno. Estaríamos diante de um materialismo asfixiante ou, na melhor hipótese, de um panteísmo sem perspectivas, como o que muita gente ainda tem a coragem de atribuir injustamente a Espinosa.

Em suma: a prova da sobrevivência não faz, por si mesma, a prova da imortalidade, mas sanciona essa prova e abre possibilidades definitivas para a sua confirmação. A imortalidade se prova pelo conjunto de fatores atrás mencionados e por aquela descoberta do *cogito* de Descartes, segundo a qual: “a idéia de Deus está no homem como a marca do obreiro na sua obra”. Não podemos provar a imortalidade no campo fenomênico, mas também não a podemos negar nesse campo, que não nos fornece elementos seguros para uma nem outra coisa. É no plano do inteligível e não do sensível que a imortalidade se prova e se afirma.

Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos através dos tempos

**Universalidade falsamente interpretada
– Provas experimentais da imortalidade
– Fenômenos anímicos provam a teoria espírita**

Os princípios fundamentais do Espiritismo representam grandes constantes do pensamento. São encontrados, por isso mesmo, em todos os tempos e entre todos os povos. Esse fato, entretanto, em vez de servir para evidenciar a natureza legítima, verdadeira, desses princípios, tem servido para que, em certos meios culturais, prevaleça a idéia de que os referidos princípios nada mais são do que velhas superstições. A obra de Kardec, na França, e a de grandes cientistas, como Crookes e Lodge, na Inglaterra, Schrenck Notzing, na Alemanha, Ímoda e Bozzano, na Itália, para somente citarmos alguns, bem como as recentes pesquisas de Bjorkem, na Suécia, de Price, na Inglaterra, de Rhine, nos Estados Unidos, há muito deviam ter modificado essa posição, pois mostram que não se trata de superstições, mas de fatos verificáveis experimentalmente.

Tomemos os princípios espíritas mais próximos da nossa compreensão imediata: a sobrevivência e a comunicabilidade dos espíritos. Desde todos os tempos o homem acreditou em ambos. As pesquisas sociológicas e etnológicas chegaram mesmo a provar que nunca houve na Terra um povo, um só, que não acreditasse nesses princípios. Somente no auge das civilizações, com o desenvolvimento intensivo da técnica e do comércio, surgem a dúvida e a descrença, originadas pelo intelectualismo, mas confinadas a pequenos grupos. Mesmo hoje, com nações inteiras submetidas a filosofias materialistas, a descrença não consegue dominar. O caso Pasternak acaba de provar a persistência das grandes aspirações humanas de ordem espiritual, inclusive na elite cultural soviética.

Os materialistas consideram a crença na sobrevivência como simples remanescente dos tempos primitivos. A suposição era aceitável, e até mesmo se impunha ao pensamento positivo e experimental. Mas depois que a experiência provou o contrário, não há mais razão para ela. Ainda há pouco, o professor Price, catedrático de Lógica na Universidade de Oxford, declarava à imprensa – e nossos jornais publicaram telegramas a respeito – que as experiências modernas revelam a sobrevivência do poder mental do homem, bem como a possibilidade de ação desse poder à distância do corpo físico. Note-se que Price não é espírita, mas um investigador científico, ainda imbuído, aliás, de teorias “arcaicas” do ponto de vista espírita, já criticadas e destruídas por Ernesto Bozzano. Corroborando essa importante declaração de Price, temos as experiências parapsicológicas de Joseph Rhine, na Universidade de Duke, Estados Unidos, e as do professor Bjorkhem, na Universidade de Upsala, na Suécia, além de outras, inclusive na Argentina, no Japão e na própria Rússia, nesta através do seu famoso Instituto do Cérebro, de Moscou.

Essas experiências provam não somente a sobrevivência, mas também a comunicabilidade. Ernesto Bozzano tem razão quando acentua, em seu monumental *Animismo ou Espiritismo?*, obra que resume quarenta anos de estudos desses problemas, que o animismo, em vez de negar, prova o Espiritismo. Assim, como não se pode ter certeza da sobrevivência sem provar a comunicabilidade dos espíritos, também não se pode provar a capacidade humana de produção de fenômenos anímicos, sem ao mesmo tempo provar a independência do espírito com relação ao corpo material. A lógica dessa situação é de tal maneira férrea, que Price e Rhine, avessos à concepção imortalista, tiveram de render-se a ela. E desde o século passado, não houve um só homem de ciência que se interessasse seriamente pelo problema e pudesse furtar-se a essa conclusão. Bastaria isso para perturbar a “certeza” de alguns intelectuais, quanto à natureza supersticiosa dos princípios espíritas, se quisessem pensar objetivamente, e em termos experimentais, a respeito do assunto.

Da comprovação científica da fenomenologia espírita

Novo surto de investigações, em pleno desenvolvimento
– Da Metapsíquica à Parapsicologia
– Os fatos se impõem à atenção dos cientistas

A comprovação científica dos fenômenos espíritas não pertence apenas ao passado, como pensam algumas pessoas, e como, sobretudo, gostam de proclamar os adversários da doutrina. Essa comprovação não se realizou apenas com os trabalhos de pesquisa e experimentação de William Crookes, Charles Richet, Schrenck Notzing, Crawford e tantos outros, mas se realiza ainda hoje, em nossos dias, através dos experimentos e das investigações, por exemplo, do professor Joseph B. Rhine, na Universidade de Duke, Estados Unidos; professor Bjorkhem, da Universidade de Upsala, Suécia; professor Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra; professor Van Lennep, da Universidade Real de Utrecht, Holanda.⁴

É um erro dizer que as pesquisas sobre os fenômenos espíritas pertencem ao passado. A verdade é que houve um momento de grande intensificação dessas pesquisas, entre a segunda metade do século passado e a primeira metade do nosso.⁵ Mas, depois disso, se houve uma queda no interesse pelo assunto – determinada pela preocupação crescente com a solução dos problemas materiais, com o problema do domínio da natureza pelo homem –, nem por isso ele ficou esquecido. Basta lembrar que, ainda em 1948, os estudos metapsíquicos de Ernesto Bozzano, professor da Universidade de Turim, estavam sendo reeditados em grande escala na Itália.

Dilthey, em sua obra monumental, *O Homem no Mundo*, lembra que a Ciência viu-se obrigada, por força das circunstâncias, a deixar alguns assuntos “em suspenso”. Mas assinala que esses assuntos continuam a exigir a atenção da ciência, e terão de ser tratados por ela. Os fatos espíritas estiveram nessa pauta dos

“assuntos em suspenso”, durante algum tempo. Mas, nos últimos anos, de tal forma eles se impuseram à atenção dos cientistas, que nem mesmo a grande preocupação com as novas perspectivas abertas pela física nuclear conseguiram conservá-los “em suspenso”. Hoje verifica-se um renascimento da pesquisa científica dos fatos espíritas nos centros universitários mais adiantados, em todo o mundo. Esse renascimento se efetua, em grande parte, através da Parapsicologia, o ramo mais recente dos estudos psicológicos, mas não se reduz exclusivamente a ela.

Em seu livro *En los Limites de la Psicología*, escreve o professor Ricardo Musso, diretor de experiências do Instituto Argentino de Parapsicologia: “Em 1930, criou-se na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, um Laboratório de Parapsicologia, para o estudo científico desses fenômenos, com métodos estatísticos. A iniciativa foi do célebre psicólogo professor William McDougall; a direção dos trabalhos está, desde então, a cargo do doutor Joseph B. Rhine, do Departamento de Psicologia da referida universidade. Desde há quase um quarto de século, realizam-se ali explorações sistemáticas, que provam, de maneira irrefutável, a existência de formas de conhecimento distintas das proporcionadas ao homem pelas vias sensoriais e pelo raciocínio, e que a mente pode exercer, mesmo à distância, ações físicas diretas sobre a matéria. A Parapsicologia se constituiu, assim, num novo ramo científico, rigorosamente experimental. Atualmente, mais de cinquenta colégios e universidades, americanos e europeus, aplicam-se a essas investigações. Na Universidade de Utrech, Holanda, criou-se em 1953 uma cátedra oficial de Parapsicologia.”

Procurando sempre evitar a explicação espírita, os cientistas começam, tanto no passado como no presente, pela escolha de processos diferentes dos processos espíritas e pela formulação de hipóteses novas. Mas os fatos são sempre os mesmos, e quer sob o nome e o método de abordagem da Metapsíquica ou da Parapsicologia, acabam por demonstrar aos investigadores que a razão está com o Espiritismo. Foi o que ocorreu com Richet, no passado, e é o que ocorre com Rhine, no presente. De maneira que podemos aguardar, com absoluta segurança, para o segundo

século do Espiritismo, a se iniciar no ano próximo, um novo e grande surto de investigação científica dos fenômenos espíritas e de intenso debate da Doutrina Espírita, em todo o mundo. O futuro pertence ao Espiritismo.

Da necessidade das sessões espíritas e das condições para a sua realização

**Imperfeições da prática espírita, nos meios incultos e cultos
– Vaidade, o principal fator negativo – Pureza de coração e de intenções, para realização eficiente dos trabalhos**

A realização das sessões mediúnicas nos centros ou grupos espíritas é uma necessidade doutrinária. As sessões não são feitas com a finalidade pura e simples de “ouvir espíritos”, como pensam as pessoas pouco informadas sobre a doutrina. Bem mais ampla é a finalidade das sessões, que se destinam ao socorro espiritual de criaturas necessitadas, tanto encarnadas quanto desencarnadas. Por que realizam as várias religiões as suas cerimônias e os seus sacramentos? O Espiritismo não tem cerimoniais nem fórmulas sacramentais, mas possui também a sua maneira de relação com o invisível. Essa maneira se apóia na mediunidade: é a sessão mediúnica.

Há pessoas, mesmo entre os espíritas, que censuram as sessões mediúnicas de incorporação, realizadas semanalmente nos centros. Aham que as comunicações são poucas e as mistificações são muitas, nesses trabalhos. Outras entendem que, em geral, nos meios incultos, nos centros e grupos de criaturas simples, não há comunicações de espíritos, mas simples manifestações de histerismo e outras formas de morbidez psíquica ou nervosa. A experiência nos mostra, porém, que mesmo nos meios mais incultos, onde impera a credulidade ingênua, verificam-se fatos notáveis de identificação espiritual e de socorro eficiente aos necessitados.

As imperfeições no trabalho mediúnico não são privilégio dos meios incultos. Há grupos de pessoas ilustradas que se entregam a formas inadequadas de trabalhos práticos, por falta de conhecimento das obras básicas do Espiritismo. Dirigentes vaidosos, que confiam mais em suas próprias idéias, ou na orientação de guias que lhes enfunam a vaidade através de constantes elogios,

cometem mais disparates do que dirigentes ingênuos e analfabetos. Tanto nos grupos incultos quanto nos de pessoas ilustradas, o que vale é a intenção, apoiada num verdadeiro sentimento de humildade. Os vaidosos incultos ou ilustrados prejudicam os trabalhos mediúnicos.

Mediunidade é sensibilidade. Os médiuns, quanto mais sensíveis, mais sujeitos estão às influências dos espíritos e às do ambiente. Não são somente os espíritos que agem sobre os médiuns. O dirigente dos trabalhos e os freqüentadores também exercem a sua parte, e esta é tanto maior, quanto mais fechado se mostrar o ambiente, quanto mais ele se fechar nas idéias pessoais de seus componentes. Há reuniões em que os espíritos quase não têm oportunidade, porque as idéias do grupo fecham completamente o ambiente, como um céu nublado impede o trânsito normal dos aviões. Os médiuns se tornam, então, joguetes das influências do meio. Muitas mistificações nada mais são do que resultado da opressão desses meios “fechados” sobre a sensibilidade dos médiuns.

Essas dificuldades do trabalho prático alimentam a desconfiança de muitas pessoas em relação à mediunidade. Mas os obstáculos existem para serem transpostos. Os espíritas suficientemente cômicos de suas responsabilidades doutrinárias não podem entregar-se às dificuldades. Os trabalhos mediúnicos, como dissemos acima, são necessários. Não se pode compreender Espiritismo sem exercício da mediunidade. Porque toda a doutrina se assenta nos fatos de natureza mediúnica e porque esses fatos, constituindo a forma natural de manifestação das inteligências invisíveis, nos fornecem os meios de conhecê-las e de tratarmos com elas.

A doutrinação de espíritos sofredores ou inferiores não é uma ilusão, mas uma realidade amplamente constatada. Perguntam algumas pessoas que poder possuímos para doutrinar espíritos. Respondemos: o poder natural que Deus concede a todos os homens que souberem cultivar a fraternidade e as boas intenções. Os espíritos doutrinados nas sessões são criaturas inferiores, entidades submetidas a vícios ou perturbadas por idéias feitas, velhos preconceitos que alimentaram na vida terrena. Doutrinar

esses espíritos não é mais do que esclarecê-los a respeito de sua verdadeira situação espiritual e de seus deveres morais. Coisa que, habitualmente, os homens de bom senso vivem fazendo na Terra, com as pessoas fracas, às quais dão conselhos e orientação.

Não há, pois, nada de sobrenatural, nas sessões mediúnicas de doutrinação. O que há é simplesmente a prática da fraternidade. Na sua primeira epístola aos Coríntios, tratando das manifestações espirituais que se verificavam nas reuniões do Cristianismo primitivo, o apóstolo Paulo ensina como devemos nos portar nas sessões mediúnicas. Um coração puro, a mente voltada para o bem e a firme confiança no auxílio dos Espíritos Superiores são as condições essenciais para a realização de eficientes trabalhos mediúnicos. O coração puro implica humildade. E a humildade nos livra dos enganos e das mistificações, que sempre nos atingem através da vaidade. Quer nos meios incultos ou entre pessoas ilustradas, desde que estejam presentes aqueles atributos e o conhecimento das obras de Kardec, as sessões mediúnicas só podem produzir benefícios, e imensos benefícios.

Irredutíveis os fatos espíritas a explicações de ordem hipnótica

Letargia é apenas uma fase do processo hipnótico

– **Declarações do especialista Tullio Chaves**

sobre as experiências de Irmão Vitricio

– **Um caso de moldagem de mão em parafina**

As tentativas de explicação dos fenômenos espíritas por meio de magnetismo e hipnotismo são absolutamente inconsistentes. É curioso o processo, que podemos chamar cíclico, pelo qual as hipóteses anti-espíritas aparecem e desaparecem nos vários países. De quando em vez ressurgem e retomam vulto as acusações de fraude pura e simples, como aconteceu há um lustro, entre nós, com a publicação do livro do professor Silva Mello, brilhantemente refutado pelo professor Sérgio Valle. Depois, como acontece agora, são as acusações de ordem hipnótica ou anímica, subconsciente ou histórica, e assim por diante. Todos os defensores dessas hipóteses, entretanto, se esquecem de ler um livro do professor Ernesto Bozzano, *Animismo ou Espiritismo*, em que as referidas suposições e muitas outras foram cientificamente analisadas e reduzidas às devidas proporções.

Allan Kardec, antes de se tornar espírita, estudou magnetismo e hipnotismo durante muitos anos. Em meados do século XIX o assunto estava no auge, na Europa e na América. Quando surgiram os fenômenos das mesas girantes, Kardec, que era, então, apenas o professor Denizard Rivail, foi convidado por um amigo e colega de estudos magnéticos, o sr. Fortier, para assistir a uma nova forma de fenômenos magnéticos. Kardec verificou, com a perspicácia e o bom senso que o caracterizavam, tratar-se de fenômenos diferentes, que revelavam a presença de uma inteligência extra-corpórea. Foi assim que se interessou pelo estudo dos novos fenômenos e chegou às admiráveis conclusões substanciadas na Doutrina Espírita.

Os fatos espíritas são irreduzíveis a qualquer outra explicação, que não a de Kardec. Isso provou Bozzano, decisivamente, em seu livro acima citado, verdadeiro monumento de análise científica dos fenômenos espíritas. Isso provaram Crookes, Geley, Osty, Lodge, Aksakof e tantos outros, e isso o estão provando, agora mesmo, as experiências de Bjorkhem, Price, Rhine e tantos outros. Nem o magnetismo, nem a eletricidade, nem as hipóteses fantásticas do “refletor universal”, de subliminar, da onipotência da mente e outras do mesmo jaez, podem oferecer os elementos de comprovação que a teoria espírita oferece. Todas essas hipóteses nada mais são do que tentativas desesperadas de negação da realidade demonstrada cientificamente pelo Espiritismo. É por isso que seguem o sistema cíclico da moda ou dos brinquedos infantis, aparecendo e desaparecendo, numa sucessão curiosa. Ontem era “tempo da fraude” e hoje é “tempo do hipnotismo”, da mesma maneira por que existe o “tempo de pião”, de amarelinha ou de bilboquê.

Mundo Espírita, excelente órgão de divulgação doutrinária que se publica em Curitiba, sob a direção do professor Lauro Schleder, traz em seu número de novembro último uma entrevista com o doutor Tullio Chaves, professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e professor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, sobre as pretensas demonstrações hipnóticas de Irmão Vitricio, contra o Espiritismo. O entrevistado, que é formado pela Universidade de Genebra, Suíça, e fez cursos de especialização em Nápoles, Paris e no Rio, foi aluno de hipnotismo do professor italiano Rummo, discípulo de Charcot.

Interpelado sobre as rumorosas demonstrações de Irmão Vitricio, declarou o professor Tullio Chaves: “Nada de novo existe nessas experiências. São meras sessões de hipnotismo.” E acrescenta: “O irmão marista de Santa Maria chama o fenômeno que produz de letargia, como o poderia chamar por qualquer outro nome. Letargia é, na linguagem do mestre francês e do italiano, uma das fases do hipnotismo.” Logo mais, de maneira incisiva, afirmou: “Dizer que letargia não é hipnotismo é contrariar todos os conhecimentos da Psicologia.” Podemos aliás acrescentar, a

título de informação, que o processo da letargia é estudado em *O Livro dos Espíritos*, de Kardec.

A respeito da produção de um fenômeno de moldagem de mão em parafina, numa sessão hipnótica de Irmão Vitrício, disse o professor Tullio Chaves: “Não creio que o Irmão tenha produzido um fenômeno de moldagem de mão. Consta-me que essa moldagem apresentada em suas conferências não foi produzida em presença do auditório. Não terá, porventura, sido produzida nas sessões espíritas do Ginásio?” A respeito dessas sessões espíritas, esclarece: “Sei, de fonte segura, que no Ginásio de Santa Maria fizeram-se experiências espíricas positivas, tanto que um marista deixou a ordem e aderiu ao Espiritismo.”

Como temos dito e repisado, nesta seção, há mais de dez anos, as “novidades” que volta e meia aparecem contra o Espiritismo são tão novas como a Sé de Braga. Os leitores que se preocuparam com as “demonstrações” de Irmão Vitrício têm os esclarecimentos a respeito na palavra autorizada de um especialista em medicina, psicologia e hipnotismo, que damos acima. Se quiserem, porém, vacinar-se contra as “novidades”, e ao mesmo tempo obter maiores informações sobre as referidas “demonstrações”, leiam *Animismo ou Espiritismo*, de Ernesto Bozzano, que possui tradução em português.

O milagre da doutrinação

Meu amigo foi assistir a uma sessão espírita e voltou decepcionado. Explicou-me: “O que vi e ouvi não tem nenhum sentido. Manifestou-se um espírito furioso. O dirigente da sessão começou a conversar com ele. Uma conversa mole, que não convenceria a ninguém. O espírito bufava e protestava, mas de repente começou a fraquejar e acabou chorando e se convertendo. Deu graças a Deus e retirou-se comovido. Como pode uma fera daquelas modificar-se dessa maneira, através de uma simples conversa? Não, não acredito nisso!”

Conheço os trabalhos que ele foi assistir. São trabalhos sérios, dirigidos por um doutrinador competente, uma criatura que conhece e vive a doutrina. Tentei explicar-lhe o “milagre” da doutrinação, mas ele não aceitou nenhuma explicação. Disse mesmo que eu cairia no seu conceito se continuasse a explicar o inexplicável. Aquilo era simplesmente um caso de auto-sugestão. O médium, pessoa honesta, que ele também conhecia e de quem não podia duvidar, era um místico e isso explicava tudo. Deixara-se impressionar pelo misticismo da reunião, pelo silêncio e a penumbra, caindo num transe de auto-hipnotismo e dando aquele espetáculo ridículo.

Por essas e outras é que Kardec jamais concordou com as sessões mediúnicas de portas abertas. E nem permitia que uma pessoa assistisse a uma sessão sem antes haver tomado conhecimento da doutrina. O preparo teórico é indispensável à compreensão dos fenômenos. As manifestações espíritas são às vezes tão simples, tão naturais, que a pessoa habituada à idéia do sobrenatural não consegue aceitá-las. É preciso mostrar-lhe, antes de tudo, que o fenômeno é natural. Só a explicação teórica pode preparar uma pessoa para a compreensão do que se passa.

Uma sessão espírita bem organizada e bem dirigida é supervisionada pelos espíritos superiores. As entidades que ali se manifestam não o fazem pela primeira vez. Já foram submetidas à observação e ao tratamento espiritual no espaço, já passaram por

outras sessões ou deram manifestações anteriores na própria sessão em que se manifestam naquele momento. Além disso, o trabalho do doutrinador é apenas uma parte do complicado processo de doutrinação que se desenvolve. O espírito comunicante sofre o choque mediúnico, é envolvido pelas vibrações do ambiente, submetido à ação mental dos guias e muitas vezes colocado diante de telas e quadros fluídicos em que as palavras simples e até mesmo ingênuas do doutrinador se transformam em cenas vivas e emocionantes. Além disso, espíritos amigos ou parentes do comunicante são trazidos ao ambiente e colocados junto a ele. O “milagre” da doutrinação, que assusta os neófitos, não é um milagre, mas o resultado de um complicado trabalho de assistência espiritual que os olhos materiais não podem ver.

Meu amigo ignorava tudo isso. Viu apenas a exterioridade, ouviu apenas o que o médium e o doutrinador falavam. Tudo lhe pareceu de uma simplicidade irritante. Nem lhe passou pela cabeça que o doutrinador era, como de fato é, uma pessoa mais culta e mais sensata do que ele. Julgou o médium, o dirigente dos trabalhos, as numerosas pessoas presentes e o fenômeno da conversão pela medida estreita e mesquinha da sua própria ignorância. Por isso Jesus dizia que ensinava aos que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.

O mistério da mediunidade

Os fenômenos mediúnicos sempre existiram e se manifestaram em todo o mundo. A Bíblia é um repositório de manifestações espíritas. Moisés era médium de materialização. Quando se reunia com os anciãos de Israel em sua tenda no deserto, todos oravam e cantavam para que as nuvens de ectoplasma inundassem a tenda e Jeová pudesse materializar-se e falar com ela. Jeová era o espírito protetor dos hebreus e se apresentava como o Deus de Israel, porque então os espíritos eram chamados deuses. Os Evangelhos estão cheios de manifestações de espíritos e Jesus ensinou como se podia afetar os maus. As igrejas judaicas e cristãs praticavam e até hoje praticam o exorcismo para expulsar espíritos perturbadores.

Todas as religiões se fundam na mediunidade. As revelações, as aparições, as línguas de fogo, o falar línguas estranhas, as curas milagrosas, são todos fatos mediúnicos. Os oráculos, as pitonisas de gregos e romanos, os profetas de Israel e do Islã, filósofos como Sócrates e Descartes, que ouviam espíritos e tinham sonhos proféticos, eram médiuns. O Espiritismo não inventou a mediunidade. Todas as religiões primitivas, assim como as religiões da Antigüidade, foram mediúnicas. Tales de Mileto, filósofo grego, era vidente e dizia: “O mundo é cheio de deuses.”

Mas o que é a mediunidade? Uma graça concedida a alguns, uma prova de santidade? Uma forma de desequilíbrio psíquico? Um mistério, como se costuma dizer? Nada disso. A mediunidade é uma faculdade humana natural. Todos a possuem, mas, como todas as faculdades humanas, ela se manifesta em graus diferentes nas criaturas. Os que a possuem em maior grau são os que geralmente chamamos médiuns. São os paranormais da Parapsicologia. Não é dom sobrenatural nem doença mental ou psíquica. É uma condição humana natural. Somos todos mais ou menos médiuns.

Pesquisando os fenômenos mediúnicos, Allan Kardec verificou que eles se dividiam em dois grupos: o dos fenômenos inteligentes (subjetivos) e o dos fenômenos físicos (objetivos). Um século depois os parapsicólogos chegariam à mesma conclusão, empregando, como Kardec, os métodos da pesquisa científica. Não há dois tipos de fenômenos: o espírita e o parapsicológico. Os fenômenos são os mesmos, apenas encarados de maneiras diferentes na Ciência Espírita e na Parapsicologia.

A criatura humana é um espírito encarnado para desenvolver, na existência terrena, as suas potencialidades, os seus poderes naturais. Os espíritos propriamente ditos são criaturas humanas desencarnadas. O corpo carnal não impede as relações mentais e psíquicas entre os homens e os espíritos. A manifestação mediúnica é um ato de relação.

Nas relações mediúnicas entre os homens e os espíritos tudo se passa de maneira natural. O espírito se aproxima do médium e lhe transmite os seus pensamentos, emoções e sentimentos. O espírito não entra no corpo do médium. Emite vibrações do seu corpo espiritual sobre o corpo espiritual do médium. Esse responde e se estabelece a relação mediúnica. Todo o estado mental e psíquico do espírito se reflete no médium, como nos casos de hipnotização. O médium, assim hipnotizado, serve ao espírito como um intérprete. Se for bastante sensível, tomará o aspecto, a voz, as maneiras de falar e gesticular do comunicante. O médium, por assim dizer, se impregna do estado do espírito comunicante.

O mistério da mediunidade foi desvendado pelo Espiritismo. Não era um mistério, mas apenas um processo desconhecido. Hoje conhecemos as leis que regem os fenômenos mediúnicos. Basta estudá-las em *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec, para aprender-se a lidar com o fenômeno. Não se pode obrigar um espírito a se manifestar. Os espíritos se manifestam quando querem. Podemos evocá-los pelo pensamento e eles podem atender-nos se o quiserem. Só temos poder sobre os espíritos inferiores e maus, quando dispomos da única força para isso, que é a autoridade moral. Quem não dispõe de coração limpo e cheio de amor pelos semelhantes, de uma consciência tranqüila e do

desejo legítimo de servir com humildade, não deve dirigir sessões mediúnicas.

Exorcismo e doutrinação

Começamos este capítulo repetindo o trecho final do capítulo anterior: “Quem não dispõe de coração limpo e cheio de amor pelos semelhantes, de uma consciência tranqüila e do desejo legítimo de servir com humildade, não deve dirigir sessões mediúnicas.”

Essa regra é fundamental, porque os espíritos não se iludem com as aparências, percebem o fundo de nossos pensamentos e sentimentos. São criaturas humanas desprovidas de corpo material e não apenas nos vêem, mas nos sentem como somos. A sessão é uma simples reunião de pessoas de boa vontade, em nome de Deus, sem nenhum aparato nem vestes especiais, uma reunião mental. O que vale para os espíritos é o pensamento, a intenção e o sentimento dos homens. Nenhum ingrediente ou objeto material tem efeito sobre os espíritos. Nenhuma fórmula de palavras ou de gestos tem significação. Nenhuma maneira de colocar as mãos sobre a mesa ou de postura especial na mesa tem qualquer valor. Todo formalismo é inútil e torna ridícula a sessão espírita, que deve ser séria e natural.

A sessão espírita comum é um ato religioso, pertence ao aspecto religioso do Espiritismo e não à Ciência Espírita. As sessões científicas são de pesquisa dos fenômenos e requerem elementos capacitados, conhecedores da Ciência Espírita e desprovidos de vaidade e pretensões absurdas. Quem quiser fazer sessões científicas deve estar intelectualmente preparado para isso e moralmente investido de humildade e elevada capacidade de discernimento e compreensão dos objetivos do Espiritismo. Essas sessões devem realizar-se em instituições científicas e não religiosas. O Espiritismo une a Ciência à Religião, mas não quer misturá-las.

O objetivo principal das sessões religiosas é a doutrinação das pessoas presentes e dos espíritos sofredores e obsessores. Doutrinar é dar esclarecimento através da doutrina. O doutrinador ou doutrinadores devem conhecer a doutrina e encarar os espíritos

como criaturas necessitadas de amor e compreensão, por mais rebeldes que eles se mostrem. Os atos de violência e a irritação por parte do doutrinador revelam a sua incapacidade para doutrinar. A sessão espírita é um ato de amor.

Jesus expulsava espíritos rebeldes e cruéis porque tinha autoridade moral e espiritual para fazê-lo. Esses espíritos eram entregues às entidades espirituais que acompanhavam Jesus e os encaminhavam no plano espiritual. O doutrinador pode e deve usar de energia em caso de necessidade, mas sem nenhum sentimento de rancor. Quanto mais violento e rebelde o espírito inferior, mais piedade merece e de mais amor necessita. O fracasso do exorcismo, na maioria absoluta dos casos, provém da falta de compreensão desse problema. O exorcismo é prática antiqüíssima, vem da magia dos egípcios, caldeus e outros povos antigos. Serve-se de objetos materiais (considerados sagrados) de ingredientes materiais e de processos violentos, tratando o espírito como diabólico. A doutrinação espírita não utiliza nada disso. É um processo de persuasão, de despertar dos bons sentimentos do espírito obsessor e de seu encaminhamento na compreensão de sua situação e sua natureza humana.

Os casos graves de obsessão exigem sessões especiais para o seu tratamento. Essas sessões devem ser realizadas com poucas pessoas e médiuns reconhecidamente humildes e bem intencionados. Médiuns vaidosos e orgulhosos não devem participar de sessões especiais de desobsessão. A confiança em Deus e na ação dos bons espíritos deve animar a todos os participantes. Num ambiente assim, de fé e amor, os trabalhos produzem efeitos surpreendentes. Mas é fundamental que o obsedado queira realmente livrar-se de suas perturbações e modificar a sua conduta.

Os participantes dessas sessões devem ler e estudar constantemente as obras de Kardec, particularmente *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, não se iludindo com livros inovadores e métodos preciosos que atualmente se divulgam no meio espírita.

Por que doutrinar espíritos?

A doutrinação dos espíritos sofredores, inferiores ou obsessores é uma necessidade de ordem social. Porque esses espíritos, por sua própria condição inferior, vivem ao nosso lado, ainda apegados ao plano terreno em que vivemos, e exercem influências perturbadoras no meio social. Quando Pasteur revelou a existência do mundo invisível das bactérias, dos micróbios, ao nosso redor, incluindo na saúde humana, toda a Ciência do tempo rejeitou a sua tese. Pasteur precisou fugir para a província, afastando-se dos meios universitários, onde o perseguiam. Não obstante, mais tarde a Ciência teve de reconhecer a validade da sua tese.

Kardec, muito antes de Pasteur, descobriu o mundo invisível dos espíritos e revelou a ação que os mesmos exerciam sobre a saúde humana. Foi mais fácil provar cientificamente a existência dos micróbios do que a dos espíritos, cujas provas irrefutáveis foram rejeitadas pela Ciência. Mas hoje a prova foi feita nos próprios meios universitários. Só os cientistas retrógrados, apegados a teorias e princípios superados, ainda rejeitam a realidade comprovada em pesquisas de laboratório. Os espíritos atuam sobre todas as criaturas humanas e, em numerosos casos, de maneira prejudicial, causando doenças e perturbações psíquicas.

As sessões espíritas de doutrinação têm por finalidade afastar os espíritos perturbadores, restabelecendo o equilíbrio e a saúde das pessoas por eles afetadas. A doutrinação é o método de esclarecimento dos espíritos perturbadores, para que se afastem de suas vítimas, com benefícios evidentes para estas e para eles mesmos. Os micróbios podem ser mortos por antibióticos, os espíritos só podem ser doutrinados.

Os espíritas são acusados de evocar os mortos e perturbá-los, quando o que fazem é apenas acudir os que sofrem influências malélicas. No campo religioso costumam-se acusar os espíritas de pretensiosos, pois se julgam capazes de interferir no plano

espiritual, onde os espíritos superiores dispõem de maiores recursos para afastar os inferiores. Há pessoas que perguntam: “Vocês pensam que estão incumbidos de esclarecer espíritos? Que capacidade têm vocês para fazer isso?”

Essa atitude decorre das idéias falsas de que os espíritos são superiores aos homens. Em todos os tempos, desde a mais remota antigüidade, como podemos ver na própria Bíblia e nos Evangelhos, os espíritos têm sido esclarecidos pelos homens que conhecem o problema. Porque a morte não é mais do que uma passagem de um plano da vida para outro. Quem morre não vira santo nem anjo, continua a ser o que era: mau, se era mau na vida terrena; bom, se era bom; ignorante ou materialista e assim por diante.

O Espiritismo provou que a sociedade humana se compõe de duas partes: de espíritos encarnados e desencarnados. Os desencarnados que permanecem na Terra não têm esclarecimento suficiente sobre a vida espiritual e continuam a viver, embora sem o corpo material (mas revestidos de seu corpo espiritual) como se não tivessem morrido. São esses espíritos que atuam negativamente sobre nós e são esclarecidos nas sessões mediúnicas, porque nessas sessões podem falar com os encarnados e sentem-se mais seguros por estarem ligados ao médium. Muitos deles não sabem nem acreditam que morreram, pois alimentaram na Terra a idéia de que a morte é o fim, e como se sentem vivos, pensam que continuam encarnados, tendo apenas sofrido alguma perturbação súbita que os afastou dos familiares.

Nas sessões de doutrinação não se faz nenhuma espécie de energia, mas simplesmente se estabelece o diálogo entre esses espíritos e os doutrinadores. Se o diálogo os esclarece, eles se afastam e suas vítimas se sentem aliviadas ou curadas. Então, os espíritos bons e esclarecidos podem levá-los para regiões espirituais onde completam o seu esclarecimento. Ao mesmo tempo, a pessoa perturbada também se esclarece e aprende a evitar as ligações com espíritos perturbadores.

É inacreditável que no próprio meio espírita existam pessoas que não compreendem esse problema e aleguem que as sessões de doutrinação devem ser suprimidas. A experiência mundial

tem comprovado, desde Kardec até hoje, a eficiência dessas sessões. E hoje a Parapsicologia comprova a eficiência da doutrinação espírita, graças às pesquisas dos chamados *fenômenos theta*, que são os fenômenos de comunicação de espíritos. Os centros e grupos espíritas que só tratam de mentalismo e processos hipnóticos desvirtuam a doutrina. Os dirigentes desses centros devem estudar com urgência – e com a devida humildade – *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, reaprendendo com o Mestre as lições de que se esqueceram.

Ninguém pode fazer Espiritismo por conta própria. O Espiritismo é uma doutrina científica que exige estudo atento e incessante de seus princípios. Só pessoas excessivamente vaidosas e pretensiosas podem acreditar que suas idéias pessoais são mais válidas que os princípios de uma doutrina superior e comprovada pela experiência secular.

As bases mediúnicas da Religião e sua verificação na atualidade

Recepção de ensinamentos espirituais através da mediunidade
– Vivência, profecia, dom de línguas e dom de curar
– A imposição das mãos

A origem mediúnica das religiões, como demonstramos sempre, não é apenas uma tese espírita. As pesquisas de Andrew Lang e Max Freedom Long, assim como o belo trabalho de Ernesto Bozzano, *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali* (Edizioni Europa, Verona, 1946), dão consistência científica a essa tese, revelando ao mesmo tempo a inconsistência das teorias materialistas, quer baseadas em Feuerbach ou em Spencer.

Quando nos referimos, porém, à origem mediúnica das religiões, não queremos contrapor essa tese ao princípio espírita do “sentimento intuitivo da existência de Deus”, que todos os homens trazem consigo, sem uma única exceção. Esse princípio é basilar na doutrina e consta d’*O Livro dos Espíritos*, como é fundamental o princípio da natureza religiosa do homem, muito bem explicado no capítulo do referido livro sobre “a lei de adoração”.

Dessa maneira, o Espiritismo não considera a religião como produto artificial e transitório de certas circunstâncias, mas como consequência inevitável da própria natureza humana. Entretanto, no plano social, a pedra-de-toque do sentimento religioso, que o desperta, sustenta e desenvolve, permitindo o aparecimento das mais variadas formas de religião, é a mediunidade. O homem traz consigo a idéia de Deus e da imortalidade da alma, como afirmava Descartes, mas essa idéia se desenvolve na vida de relação, no plano social, através dos fatos concretos que a sustentam, e que são de ordem mediúnica.

Bozzano, lembrando a dúvida do antropólogo Gobles d’Alviella sobre a possibilidade de concepções abstratas dos

selvagens a respeito de questões espirituais, afirma que a mente primitiva, por sua natureza concreta, só poderia apoiar-se em fatos reais. Esses fatos são as manifestações mediúnicas, tão comuns entre os povos primitivos. E declara Bozzano: “Esta a gênese positiva e racional da crença nos espíritos, crença imposta ao selvagem sobre a base concreta dos fatos.” Essa conclusão de Bozzano é confirmada pela História e pela análise comparada de Andrew Lang entre os fatos supranormais dos povos selvagens e as modernas experiências espíricas, metapsíquicas e parapsicológicas.

As bases mediúnicas da religião apresentam várias formas, que são as diversas espécies de mediunidade. Ainda hoje podemos verificá-las, como sempre o poderemos, nas religiões existentes. Porque todas as religiões se apóiam na recepção de ensinamentos provindos do plano espiritual, e para que haja essa recepção é indispensável a mediunidade. O próprio Cristo deu exemplo disso e os Evangelhos estão cheios de poderosos relatos de episódios mediúnicos. Paulo, na primeira epístola aos Coríntios, é bem claro ao ensinar como os médiuns devem comportar-se numa reunião de intercâmbio com as entidades espirituais e João, na sua primeira epístola, ensina que é necessário cuidado no trato com os espíritos.

Os dons mediúnicos da vidência, da profecia e de línguas são os mais comuns entre os antigos judeus e os cristãos primitivos. A profecia, como ainda hoje ensinam os dicionários, é o dom de predizer o futuro, muito comum nos oráculos gregos e nos profetas judeus. Exerceu esse papel fundamental entre os judeus e no Cristianismo o seu exemplo mais vigoroso é o do Apocalipse. Atualmente, a vidência é comum nas ordens religiosas afeitas ao misticismo, assim como o dom de línguas entre as seitas cristãs que recebem o Espírito Santo, às vezes ou quase sempre em comunicações turbulentas. O dom de curar, pela imposição das mãos, é outra forma mediúnica usada nos tempos apostólicos e ainda hoje revivida nos meios religiosos. O Espiritismo estuda essas formas mediúnicas de maneira racional, tirando-lhes o colorido místico, o aspecto de mistério, e procurando utilizá-las no esclarecimento espiritual do mundo moderno.

São os espíritos uma das forças da natureza, em ação permanente

**Vivendo ao nosso redor, influenciam os nossos pensamentos
e sentimentos – O Espiritismo prova a ação dos espíritos
– Doutrina de princípios comprovados pela experiência**

Os espíritos estão sempre e naturalmente ao nosso redor, influenciando-nos com suas vibrações e seus pensamentos. Pouco importa que os materialistas o neguem, que os sabichões nos chamem de supersticiosos e atrasados, por dizermos isso. A verdade é a verdade e não basta negá-la. É preciso provarmos que as coisas se passam ou não se passam assim. Ora, os espíritistas provaram e provam, a todo o momento, o que afirmam. Os seus adversários se limitam a argumentar. E quando, sendo honestos consigo mesmos, resolvem provar a sua negação, acabam fazendo o contrário, como aconteceu com William Crookes, Charles Richet, o professor Crawford e tantos outros.

A verdade se impõe por si mesma. Desde que o mundo é mundo, o homem sabe que os espíritos estão constantemente ao seu redor. Deram-lhe os nomes mais variados, fizeram-nos deuses e demônios, transformaram-nos em diabretes e gênios, fadas e gnomos, e povoaram com as suas imagens o Panteon romano de mais de trinta mil deuses, o maior arsenal da idolatria na Roma antiga. Mais tarde, deram-lhes todos os postos de baixa-hierarquia infernal e da alta-hierarquia celeste. Seres invisíveis, que no entanto se tornam visíveis nas aparições e se tornam palpáveis nas experiências científicas, os espíritos pertencem à história da humanidade.

Estão por toda parte, e da magia primitiva à mais refinada teologia moderna, da velha alquimia às recentes experiências da física nuclear, dos pensadores gregos aos filósofos contemporâneos, em todos os ramos da atividade humana, sempre os encontramos. Sócrates os consultava, Joana D'Arc foi guiada por eles, Lincoln os ouvia, Mackenzie King lhes pedia conselhos, sir

Oliver Lodge admirava-lhes as faculdades extra-humanas, na corte da Inglaterra conservadora promovem sessões para ouvi-los, na China comunista os consultam. Não há barreiras para eles, que tanto se manifestam entre os aborígenes da Austrália e os pigmeus da África, quanto nos laboratórios dos sábios ou nos palácios dos reis. Por isso, Kardec os chamou “uma das forças da natureza”.

Algumas pessoas, entretanto, costumam perguntar: “Mas se é assim, por que a ciência oficial não reconhece a sua existência? Porque a maioria dos sábios os ignoram, ou mudam de conversa quando se trata de espíritos?” A resposta é fácil: basta que nos lembremos de Pasteur, de Edson e de Marconi, entre tantos outros. Eles também não descobriram seres, ondas e forças invisíveis que sempre agiram sobre o homem, de maneira constante e natural, e não tiveram de lutar para que lhes dessem crédito? A teimosia humana é maior do que a de certos irracionais. Porque é uma teimosia sustentada pelas conveniências e pelas paixões, alimentada pela vaidade e a arrogância do homem, em todas as latitudes. Há sábios, como dizia Kardec, que se sentiriam diminuídos se tivessem de voltar atrás nas afirmações apressadas que fizeram contra o Espiritismo. Não sabem, como Lombroso, fazer-se escravos dos fatos, por amor à verdade. Amam-se mais a si mesmos e à sua própria glória.

Estamos, por isso, num dos momentos mais curiosos da história da humanidade. De um lado, uma ciência materialista, empenhada nas conquistas da natureza física, fechando obstinadamente os olhos aos fatos que nos revelam a verdade e eterna natureza do homem; de outro, as velhas religiões de todos os tempos, esforçando-se para manterem a chama de uma fé intuitiva, inadequada aos tempos atuais. E, na terra de ninguém desse mundo em litígio, o Espiritismo, bombardeado por ambos os lados, sofrendo a ação do terrível fogo cruzado, mas sustentando heroicamente a flâmula da verdade. Os que quiserem ficar de um lado ou de outro, que fiquem, como dizia Kardec. Mas os que forem bastante atilados, e ao mesmo tempo bastante humildes, para compreenderem que a natureza não se submete aos caprichos humanos, podem consultar sem medo a nova doutrina. Ela

não tem respostas imaginárias, mas afirmações positivas. Todos os seus princípios são comprovados pela experiência, inclusive a de laboratório.

“É difícil – dizia-nos um descrente – aceitarmos a existência de homens sem corpo, invisíveis, agindo sobre os nossos pensamentos.” Também os médicos e os cientistas do tempo de Pasteur se recusaram a aceitar a ação dos seres microscópicos nas doenças humanas. E hoje sabemos que esses seres invisíveis são mais importantes para a nossa saúde do que a maior parte das coisas visíveis e palpáveis. Tudo nos parece difícil, quando raciocinamos de acordo com os nossos preconceitos. Mas os preconceitos humanos são destruídos pela força das coisas, através da história. Porque é evidente que temos de admitir o que é, em lugar daquilo que queríamos que fosse. A natureza não nos pede licença, para ser como é. Ninguém nos consulta. E a verdade tem de ser constatada objetivamente, embora contrariando os nossos pensamentos e os nossos desejos. O Espiritismo prova a existência dos espíritos e a sua ação permanente e natural sobre os homens, em todo o mundo. Quem duvidar, que procure verificar os fatos.

Moisés aprovava a mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões

Não há no Espiritismo evocação de mortos, mas a relação do visível com o invisível, base das religiões – Mortos são os corpos – O grande testemunho dos livros sagrados

De vez em quando os espíritas são acusados de necromancia, de feitiçaria, de evocadores de mortos, de pacto com o diabo e coisas semelhantes. Embora todas essas acusações já estejam demasiadamente desmoralizadas, há quem insista em repeti-las, inclusive através de boletins, de jornais, de revistas e até mesmo de livros. Assim, somos às vezes forçados a voltar a esses assuntos, para que pessoas sem ligação com o movimento espírita e sem conhecimento da nossa doutrina não se deixem levar por informações dessa espécie.

A necromancia era uma prática antiga de adivinhação, por meio de evocações. Moisés a condenou entre os judeus. Mas o próprio Moisés soube diferenciá-la da prática mediúnica de natureza religiosa, como vemos no episódio bíblico de Eldad e Medad, em “Números”, 11:26-29. Vemos, nessa passagem, Josué anunciar a Moisés que os dois jovens recebiam espíritos e davam sua comunicação, e pedir-lhe que os proibissem de fazê-lo. Moisés responde: “Que zelos são esses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu Espírito.”

Vê-se claramente que o grande legislador hebreu não confundia, como o fazem hoje algumas pessoas, em geral investidas de missão religiosa, a comunicação dos Espíritos do Senhor, em que se apóia o Espiritismo, com as práticas condenadas e condenáveis da adivinhação, da feitiçaria e outras. Aliás, não se pode condenar a comunicação dos mortos, sem ao mesmo tempo condenar todas as religiões. Porque todas elas se assentam nas relações do visível com o invisível e a Bíblia, como todos os livros sagrados do mundo, inclusive o Evangelho, dão testemu-

nho das comunicações de espíritos, em todas as formas conhecidas e estudadas pelo Espiritismo.

O problema das “evocações de mortos”, expressão de que lançam mão algumas pessoas para atemorizarem as almas simples, não existe no Espiritismo. Primeiro, porque mortos não podem ser evocados. Mortos são os corpos, que permanecem na terra até a sua completa desintegração. O que se pode invocar é o espírito, e este não está morto, mas bem mais vivo do que nós. Em segundo lugar, o Espiritismo só usou de evocações quando necessitava de estudar, pesquisar, analisar o problema da vida após a morte. Era um processo científico como qualquer outro, que nada tinha em comum com a magia. Basta dizer que jamais o Espiritismo admitiu fórmulas e rituais de qualquer espécie, para os seus trabalhos de pesquisa espiritual. Hoje, os espíritas apenas recebem, em suas sessões doutrinárias, comunicações espontâneas de espíritos, com duas finalidades, que são: ajudar os espíritos necessitados e receber auxílio dos Espíritos Superiores. Esse auxílio, entretanto, é espiritual, constante de ensinamentos evangélicos, só se verificando o auxílio material em casos de enfermidade, quando permitido pelo Alto, por Jesus e seus prepostos.

Quanto à acusação de “pacto com o diabo”, é simplesmente ingênua. Ninguém, de bom senso, pode acreditar que pessoas equilibradas, que levam a vida a sério, cumprem os seus deveres e lutam por um mundo melhor e mais belo, se interessem por qualquer espécie de prática demonológica. O Espiritismo, no seu aspecto religioso, apóia-se inteiramente no Evangelho de Jesus. Quem quiser conhecer a religião espírita basta adquirir um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e ali encontrará todos os dados a respeito. Se o leitor deparar com qualquer coisa demoníaca, nas páginas límpidas e puras desse livro, então se afaste da nossa doutrina e a condene, baseado em razões concretas e não em acusações absurdas.

O Espiritismo, como dizia Kardec, não inventou a comunicação dos espíritos. A comunicação é um fato natural, existente em todos os tempos, atestado pela História e a Literatura, especialmente pelos livros sagrados. O Espiritismo possibilitou o estudo

dessa comunicação e seu emprego no esclarecimento espiritual do mundo, na orientação segura dos homens para Cristo. Da mesma forma, os cientistas não inventaram as quedas d'água, mas procuraram dominá-las e delas extrair a luz para iluminar as cidades. Na primeira epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo ensina como se faz uma sessão espírita, porque as comunicações dos espíritos constituíam a base das práticas religiosas dos primitivos cristãos. Como se vê, Kardec tinha razão ao dizer que o Espiritismo não inventou as comunicações.

Diferentes doutrinas foram erguidas sobre os alicerces da mediunidade

Não se pode considerar o Espiritismo apenas do ponto de vista das comunicações – Advertência de Kardec contra as “atitudes suburbanas” em face da doutrina – Uma nova concepção do universo e da vida

Há pessoas que só vêem no Espiritismo o problema mediúnico das comunicações. Essa visão parcial, demasiado restrita, leva-as a considerar a doutrina como simples revivescência de antigas superstições. Kardec já advertia os adversários quanto ao perigo dessa atitude que, muito apropriadamente, chamava suburbana. E suburbana por que? Porque as pessoas que a adotam fazem como o turista que julga um país estranho por observações apressadas, como o visitante que julga uma grande cidade pelo que lhe foi dado ver rapidamente nos subúrbios.

O Espiritismo não é apenas um sistema de evocações e comunicações com o mundo invisível. Muito pelo contrário, é toda uma nova forma de concepção do mundo e da vida. A mediunidade é a pedra angular da doutrina, por ser a faculdade humana que nos permite alargar a nossa percepção da realidade universal. Mas os fatos mediúnicos não são tudo. São o ponto de partida do pensamento, assim como os alicerces de um edifício que, apesar de muito importantes, não são o edifício, mas a sua base. Sobre um mesmo alicerce, diferentes arquitetos podem construir edifícios inteiramente diversos. Assim também, sobre o alicerce dos fatos mediúnicos é possível a construção de doutrinas diferentes.

Basta lembrar que os fatos mediúnicos sempre existiram, para que este problema se torne bem claro. Desde que o homem apareceu na terra, os fatos mediúnicos se verificam através dos tempos, como o atestam a história, os livros sagrados de todas as religiões, a literatura e o folclore de todos os povos. Esses mesmos fatos, ou seja, a comunicação dos espíritos pela mediunidade, deram origem às religiões primitivas, aos sistemas mitológi-

cos, às ordens ocultas, aos chamados “mistérios” da antiguidade e, por fim, às religiões contemporâneas e ao Espiritismo. Como se vê, concepções diversas, erigidas sobre um mesmo alicerce.

Mas, se nas religiões primitivas ou naturais, surgidas entre os povos selvagens, o que interessava era apenas a comunicação com os espíritos, com finalidades práticas de auxílio material e imediato, já nas religiões superiores o mais importante era a cosmogonia, a concepção do universo e da sua finalidade. O Espiritismo, que é uma doutrina moderna, surgida no século passado, como último elo da longa cadeia de interpretações dos fatos mediúnicos – e que é, sobretudo, uma doutrina de ordem científica, baseada na observação e na experiência – não poderia voltar ao ponto de partida, para só se interessar pelas comunicações. O que encontramos no Espiritismo é uma nova e grandiosa doutrina, que nos oferece uma visão inteiramente renovada do universo e da vida.

Não somente os adversários do Espiritismo cometem esse erro de atitude suburbana em face da doutrina. Entre os próprios espíritas encontramos muitas pessoas que não enxergam um palmo além do fato mediúnico, reduzindo a doutrina a uma questão de “conversa com os espíritos”. Isto é ainda mais grave, pois os espíritas têm obrigação de conhecer a doutrina em toda a sua amplitude, ou pelo menos em seus princípios fundamentais, que constam da codificação kardeciana. É por isso que insistimos na necessidade constante de cursos doutrinários nos centros, os cursos orientados pela codificação e não por opiniões pessoais ou de grupos.

Quanto aos adversários, os que acusam o Espiritismo de supersticioso, quando não se trata de teólogos ou sacerdotes interessados em combater a doutrina, revelam desconhecer inteiramente o Espiritismo. São pessoas que tomam o rumor de uma aldeia pela música das esferas, como já se disse, e pretendem julgar uma concepção do universo e da vida pelos fenômenos corriqueiros de que ela partiu, como alguém que julgasse a importância da locomotiva pelo vapor que ergue a tampa da chaleira. Os atos mediúnicos são importantes, são fundamentais, como o vapor é básico na história das ferrovias, mas as conse-

qüências do aproveitamento racional dos fatos mediúnicos são muito maiores do que pode imaginar um leigo a respeito de Espiritismo.

Os que desejam combater o Espiritismo com lealdade, sem interesses sectários, devem, pois, antes de tudo, procurar conhecer a sua estrutura doutrinária. E a única maneira de conhecê-la, como já dizia Kardec, é a leitura, o estudo paciente, sensato, sério, das obras fundamentais da doutrina. Somente depois desse estudo, realizado sem idéias preconcebidas, pode um homem de bom senso pronunciar-se sobre a doutrina.

Mensagens espíritas no exterior confirmam as recebidas no Brasil

Livros de Chico Xavier em confronto com obras francesas e inglesas – “A Vida nos Mundos Invisíveis”, do reverendo anglicano Robert Hugh Benson, publicado em português

Muitas pessoas encontram dificuldades em aceitar as descrições da vida de além-túmulo, dos livros de André Luiz, psicografados por Chico Xavier. Mesmo entre os espíritas, já habituados a tratar dos problemas do “outro lado da vida”, essas descrições encontraram no princípio, e ainda hoje encontram, certa relutância. Emmanuel explicou, de maneira bastante clara e feliz, no prefácio de *Os Mensageiros*, que os relatos de André Luz não devem ser tomados ao pé da letra, mas como um esforço para objetivar, em linguagem terrena, as visões do mundo espiritual. Apesar disso, a extrema semelhança da vida no espaço com a vida na terra ainda perturba algumas pessoas e provoca várias críticas de religiosos e materialistas.

A incompreensão a respeito é natural, em virtude principalmente de dois motivos fundamentais: primeiro, o hábito arraigado de considerar-se a vida *post-mortem* como misteriosa, inacessível à compreensão dos mortais; segundo, a confusão habitual entre corpo e espírito, fonte do materialismo, que impede muita gente de admitir a existência de vida fora da matéria. Este segundo motivo é o reverso do primeiro e os dois representam posições extremadas diante do problema da sobrevivência. O Espiritismo nos mostra que a vida além da morte não é inacessível à nossa compreensão e desfaz, ao mesmo tempo, a confusão materialista entre corpo e espírito.

Sir Oliver Lodge, o grande físico inglês, entendia que o Espiritismo realiza uma nova revolução copérnica. Essa revolução consiste exatamente na modificação da nossa atitude em face do problema da vida. Se Copérnico destruiu a concepção geocêntrica do universo, o Espiritismo, por sua vez, destrói a concepção

organocêntrica da vida. Do ponto de vista organocêntrico, que caracteriza o materialismo, a vida só é possível nos organismos vegetais e animais. O Espiritismo afirma e prova o contrário, ou seja, que a vida independe desses organismos e se manifesta por mil formas e maneiras diferentes, no universo infinito.

Os religiosos que criticam as descrições mediúnicas do além não deixam de aceitar essa descentralização da vida, mas não admitem a sua interpretação ou explicação racional. Apegam-se a dogmas, a princípios rígidos de fé, mantendo-se no plano do mistério. Entretanto, se convivessem um pouco mais com os textos sagrados de suas próprias religiões, veriam que a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas. O Velho Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre “a terra de longe” e a “Sião da solenidade”, e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste.

No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de pessoal, da maneira de ver do autor. Já em *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta descrições semelhantes. Na *Revue Spirite*, o codificador publicou numerosos relatos de além-túmulo no mesmo sentido. Sir Oliver Lodge apresenta quadros semelhantes em *Raymond*, Denis Bradley em *Rumo às Estrelas*, e assim por diante. Agora, a Editora *O Pensamento*, desta capital, acaba de lançar a tradução de *Life in the World Unseen*, de Anthony Borgia, com a versão do título para *A Vida nos Mundos Invisíveis*. O trabalho de tradução foi confiado a J. Escobar Faria, que realizou primoroso trabalho.

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. O autor espiritual é o ex-reverendo Robert Hugh Benson, filho de um ex-arcebispo de Cantuária, que à maneira de André Luz, relata sua passagem para o lado de lá e descreve esse lado. A segunda parte do livro oferece-nos uma espécie de geografia dos planos espirituais mais próximos da face da Terra. Benson, que na vida terrena escrevera a propósito de assuntos

espirituais, dando interpretação capciosa a algumas de suas experiências psíquicas, procura corrigir nesse livro os seus erros dogmáticos de então. Os religiosos em geral, e os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador.

Do corpo e do espírito na organização religiosa

Como e porque o Espiritismo é religião
– O problema do interior e do exterior
– Os três aspectos da doutrina

A religião espírita apresenta aspectos inteiramente diversos dos que estamos habituados a ver nas demais religiões. É por isso que, insistentemente, deparamo-nos com a afirmação de que o Espiritismo não é religião. Basta, porém, perguntarmos quais os elementos que realmente caracterizam a religião, para verificarmos que a doutrina espírita os contém em profundidade, e não apenas em superfície, como acontece com numerosas seitas.

“O Espiritismo – escreve-nos um leitor – não possui nenhum sistema litúrgico, não tem culto e não tem organização sacerdotal. Ora, sendo assim, como pode ele considerar-se religião?” A resposta é simples e pode ser dada por outra pergunta: “O que é liturgia, o que é culto, o que é sacerdócio?” Bem analisadas essas coisas e bem estudado o processo das práticas espíritas, podemos responder que o Espiritismo possui todos esses elementos, embora de maneira natural e não artificial. Mas, se formos um pouco mais longe, perguntando o que é religião, veremos que o Espiritismo está certo em não basear a sua ação religiosa nos elementos exteriores que usualmente definem os sistemas religiosos.

A religião, como tudo no mundo, constitui-se de pelo menos dois elementos: O espírito e o corpo. O espírito da religião é o sentimento religioso, esse poder íntimo e profundo que eleva o homem a Deus e o liga aos seus semelhantes. O corpo da religião é a sua forma de exteriorização, de manifestação social. É por isso que Bergson dividia a religião-estática, formada pelos convencionalismos rígidos, da religião-dinâmica, que nasce do íntimo e não se prende a formas externas.

Como religião, o Espiritismo também possui os dois elementos: o espírito e o corpo. Mas o corpo da religião espírita é tão diferente do corpo das demais religiões como o de um atleta se diferencia do corpo de um nababo oriental. A religião espírita, voltada muito mais para o interior do que para o exterior, reduziu ao mínimo a sua forma de manifestação externa. Seu corpo é simples, natural e puro, não se escondendo jamais sob roupagens pesadas e adornos em profusão. O culto espírita se reduz à prece e à concentração mental, e o sacerdócio espírita não se apresenta como um sistema complicado de hierarquia eclesiástica, mas como um voluntariado espiritual, a serviço apenas da realização doutrinária.

A religião espírita consiste na crença em Deus e na sua veneração natural, íntima e profunda; na aceitação do Cristo como o redentor do mundo e seu diretor espiritual; na aceitação da existência dos espíritos superiores, que velam pelo nosso destino na Terra; na crença na sobrevivência e imortalidade do ser humano como espírito e na possibilidade de intercomunicação de vivos e “mortos”; na aceitação do princípio de pluralidade dos mundos habitados e do princípio da reencarnação, bem como da lei de causa e efeito, assim definida por Jesus: “Aquele que com ferro fere, como ferro será ferido.”

No Espiritismo não há sacramentos, porque os sacramentos são considerados como fórmulas convencionais. Não se pode, portanto, falar em casamentos e batizados espíritas. Mas os espíritas respeitam os sacramentos de todas as religiões, embora não possam submeter-se à prática dos mesmos, por uma questão de consciência, pois o sacramento só tem eficiência para o que nele crê. O casamento, para o espírita, na vida social, é um ato civil, que deve reger-se pelas leis vigentes em cada país. No sentido espiritual, é um compromisso de natureza profunda, que não pode ser afetado por nenhum ato convencional. O batismo é aquele batismo do fogo e do espírito, que encontramos nos Evangelhos, ou seja, a iniciação nos conhecimentos espirituais, que atira o homem contra as exigências do mundo e põe à prova a sua natureza espiritual.

Por tudo isso, como vemos, a religião espírita se diferencia das demais, mas nem por isso deixa de ser religião. Negar ao Espiritismo o seu caráter religioso é não compreendê-lo ou simplesmente combatê-lo. Como pode deixar de ser religiosa uma doutrina que se assenta na existência, transcendência e onipotência de Deus, e trata do destino da alma após a morte? Como negar-se o sentido religioso a uma doutrina que procura a salvação dos homens, não por meio de profissões de fé ou através de formas sacramentais, mas da sua espiritualização constante, da sua libertação das exigências materiais, da sua emancipação espiritual?

O Espiritismo está promovendo “uma nova revolução copérnica”

Natureza sintética da doutrina

- Afirmação de Léon Denis e sir Oliver Lodge a respeito
- Superando o geocentrismo e o organocentrismo

Certas pessoas encontram dificuldades em conceber o Espiritismo como uma doutrina de tríplice aspecto, que abrange ao mesmo tempo a Ciência, a Filosofia e a Religião. Alguns leitores nos têm consultado a respeito, em geral perguntando se não é absurda “essa pretensão doutrinária”, e se não são apenas os espíritas brasileiros que pensam dessa maneira. Podemos responder que nada há de absurdo nessa concepção do Espiritismo como doutrina tríplice e que ela não se originou no Brasil nem é privilégio dos espíritas brasileiros. Pelo contrário, as primeiras manifestações nesse sentido procedem da Europa e, tanto quanto pudemos saber até agora, de dois ilustres representantes do movimento espírita na França e na Inglaterra, que são ao mesmo tempo dois legítimos expoentes da cultura francesa e da ciência inglesa, respectivamente: Léon Denis e sir Oliver Lodge.

Muito antes de Emmanuel haver formulado, no Brasil, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, a sua famosa teoria do triângulo, já Léon Denis havia proclamado, no Congresso Internacional de Espiritismo, em 1925, em Paris, a natureza sintética da doutrina, e sir Oliver Lodge fazia o mesmo, em Londres, com a publicação do seu livro sobre *A Imortalidade Pessoal*. Mas, para irmos um pouco mais longe, encontraremos a mesma afirmação pelo próprio Kardec, o codificador da doutrina, como podemos ver em *O que é o Espiritismo*. Denis e Lodge apenas tornaram mais explícita a formulação inicial do codificador.

Em seu livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, Léon Denis apresenta uma ampla concepção do Espiritismo, única que, ao nosso ver, realmente corresponde à natureza da doutrina.

Colhemos este trecho, na página 188 da edição francesa, de Jean Meyer, Paris, 1927:

“Pode-se dizer, portanto, que a obra do Espiritismo é dupla: no plano terreno, ele tende a reunir e a fundir, numa síntese grandiosa, todas as formas, até aqui separadas e freqüentemente contraditórias, do pensamento e da ciência. Num plano mais amplo, ele une o visível e o invisível, essas duas formas de vida que, na realidade, se penetram e se completam, desde o princípio das coisas. Nesse propósito, demonstra que o nosso mundo e o ‘lado de lá’ não estão separados, mas interpenetrados, constituindo assim um todo harmônico.”

Como se vê, a idéia da síntese está bem definida no início desse trecho, melhor mesmo do que na definição do Congresso de Paris. Na estrutura doutrinária do Espiritismo, a Ciência, a Filosofia e a Religião, até então divididas e até mesmo antagônicas, aparecem fundidas num todo, como partes diferenciadas mas harmônicas, entrosadas, em perfeito equilíbrio, na forma geral do conhecimento humano. O Espiritismo realiza, assim, aquela síntese que teria de ocorrer, após o período de análise que caracterizou a fragmentada e desesperada época do desenvolvimento científico.

Sir Oliver Lodge chega mesmo a comparar o Espiritismo à revolução copérnica. E demonstra, no seu livro *A Imortalidade Pessoal* que o Espiritismo alarga a visão humana do Universo de maneira semelhante ao que fez a concepção copérnica em relação ao geocentrismo ptolomaico. Se Copérnico rompeu com os limites estreitos da concepção geocêntrica, mostrando que o Universo é infinitamente mais vasto do que se pensava até então, o Espiritismo, por sua vez, rompe com os remanescentes atuais daquele mesmo geocentrismo, mostrando que a humanidade não se restringe à Terra.

Por outro lado, o Espiritismo rompe com o organocentrismo, segundo o qual a vida só é possível nos organismos físicos, revelando a sua continuidade fora desses organismos. Vêm, portanto, os leitores, que a concepção do Espiritismo como síntese do conhecimento não é brasileira, mas universal. E que pensadores da estatua de sir Oliver Lodge, o grande físico inglês,

ampliam ainda mais essa concepção da doutrina, interpretando-a como “uma nova revolução copérnica”, para usarmos as próprias palavras de Lodge.

Das teorias obscuras da ciência às fórmulas infantis de Kardec

**Quando se compreende que é preciso tornar-se
criança para entrar no Reino dos Céus
– O exemplo dos sábios que acabaram aceitando
a ingenuidade espírita – Uma casa sem portas**

A acusação mais comum que se faz ao Espiritismo, nos meios cultos, é a da simplicidade e da ingenuidade. Richet reconheceu, no seu *Tratado de Metapsíquica*, os méritos de Allan Kardec, mas não deixou de taxar as suas convicções de “crença ingênua”. Numa carta a Ernesto Bozzano, chegou a declarar: “... não creio no Espiritismo, segundo as fórmulas infantis de Allan Kardec ou de Conan Doyle.” Depois de ter lido, entretanto, as monografias de Bozzano sobre casos espíritas, confessou, humilde e confidencialmente, ao grande mestre italiano: “Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.” E logo mais, numa carta a Cairbar Schutel, abriu-se definitivamente: “A morte é a porta da vida.”

É célebre, também, a oposição de Lombroso à doutrina, apesar de ter sido forçado a aceitar a realidade dos fatos espíritas, declarando-se “envergonhado e aflito” por haver combatido a possibilidade dos mesmos. Com William Crookes não se deu quase o mesmo? E deixando de lado os casos clássicos, estão aí, nos nossos dias, os antigos ridicularizadores do Espiritismo, hoje convertidos em seus defensores. Não precisamos citá-los. São encontrados às centenas, nas camadas incultas e nos meios mais cultos. Aqui mesmo já tivemos ocasião de citar dois casos bastante conhecidos em São Paulo, casos de homens de elevada cultura intelectual, com renome em nossos meios culturais, que riram como Lombroso e como ele se envergonharam mais tarde.

Estranha, pois, essa ingenuidade infantil de Kardec e de Conan Doyle, que acaba dobrando as inteligências mais arrogantes e viris. Estranha essa simplicidade ou esse simplismo da explica-

ção espírita, que os sábios como Richet são obrigados a aceitar, cansados das “teorias obscuras que atravancam a ciência”, segundo a expressão dele mesmo. A explicação desse milagre, porém, é o próprio William Crookes quem a dá, afirmando de maneira clara, dentro dos mais sólidos princípios da ciência experimental: “O valor teórico de cem experiências negativas fica literalmente anulado por uma só experiência positiva, bem observada.” As “teorias obscuras” não podem prevalecer, diante da claridade meridiana de um fato. E por isso Lombroso não teve dúvidas em recuar de suas trincheiras negativas, para humildemente confessar-se “escravo dos fatos”. Belo exemplo de grandeza moral e de sinceridade, que muitos não conseguem seguir!

A simplicidade do Espiritismo, pois, decorre da afirmação positiva, franca, sem rodeios, da realidade dos fatos e da sua interpretação lógica, direta, na base “do que eles são”, e não “do que devem ou podem ser”. Também os antigos acusaram o Cristianismo de religião simplória e a acusação impressionou tanto os cristãos, que estes resolveram complicá-la. Mas o que modificou o mundo e transformou o homem não foram as complicações humanas da religião, e sim os princípios simples do Evangelho. As “fórmulas infantis de Allan Kardec e Conan Doyle” são urgentemente reclamadas pela malícia adulta do nosso mundo, que, como ensinou Jesus, deve fazer-se criança para entrar no Reino dos Céus.

A simplicidade da Doutrina Espírita é um dos seus mais belos apanágios. Longe de se enovelar em complicações teóricas, em raciocínios confusos e suposições atordoantes, o Espiritismo vai direto à realidade, afirmando o que é e como é. As pessoas que gostam do contrário, que se sentem melhor na penumbra das cogitações complicadas, podem acusá-lo à vontade. No dia, porém, em que tiverem necessidade de mais luz, de maior clareza e firmeza, talvez façam como Richet, Lombroso e Crookes. Porque o Espiritismo é como aquela casa sem portas, que não tem recantos ocultos e que a todos recebe com a mesma hospitalidade.

Cuidado dos dirigentes de Centros em face às confusões doutrinárias

Duas espécies de confusões: as intencionais e as inocentes – Confusões de origem mediúnica – O caso de Ramatis

Faz-se, em geral, muita confusão a propósito de Espiritismo. Há confusões intencionais, promovidas por elementos interessados em combater a propagação inevitável da doutrina, e há confusões inocentes, feitas por pessoas de reduzido conhecimento doutrinário. As primeiras, as intencionais, não seriam funestas, porque facilmente identificáveis quanto ao seu objetivo, se não houvessem confusões inocentes, que preparam o terreno para aquelas explorações.

Os Centros Espíritas têm um grande papel a desempenhar na luta pelo esclarecimento do povo, devendo promover constantes programas de combate a todas as formas de confusão doutrinária. Por isso mesmo, devem ser dirigidos por pessoas que conheçam a doutrina, que a estudem incessantemente e que não se deixem levar por sugestões estranhas. Quando os dirigentes de Centros não se sentirem bastante informados dos princípios doutrinários, devem revestir-se, pelo menos, da humildade suficiente para recorrerem aos conselhos de pessoas mais esclarecidas e à leitura de textos orientadores.

Há um pequeno livro de Kardec que muitos dirigentes desprezam, limitando-se a aconselhar a sua leitura aos leigos e principiantes. É exatamente *O Principiante Espírita*. Esse livrinho é precioso orientador doutrinário, que os dirigentes devem ler sempre. Outro pequeno volume aconselhável é *O que é o Espiritismo*, também de Kardec. E como leitura auxiliar, de grande poder esclarecedor, aconselhamos ainda *O Consolador*, de Emmanuel. Principalmente agora, nesta época de confusões que estamos atravessando, os dirigentes de Centros, grupos

familiares e demais organizações doutrinárias deviam ter esses livros como leitura diária, obrigatória.

Além das confusões habituais entre Umbanda e Espiritismo, Esoterismo, Teosofia, Ocultismo e Espiritismo, há outras formas de confusão que vêm sendo amplamente espalhadas no meio espírita. São as confusões de origem mediúnica, oriundas de comunicações de espíritos que se apresentam como grandes instrutores, dando sempre respostas e informações sobre todas as questões que lhes forem propostas. Um exemplo marcante é o de Ramatis, cujas mensagens vêm sendo fartamente distribuídas. Qualquer estudioso da doutrina percebe logo que se trata de um espírito pseudo-sábio, segundo a “escala espírita” de Kardec. Não obstante, suas mensagens estão assumindo o papel de sucedâneos das obras doutrinárias, levando até mesmo oradores espíritas a fazerem afirmações ridículas em suas palestras, com evidente prejuízo para o bom conceito do movimento espírita.

Não é de hoje que existem mensagens dessa espécie. Desde todos os tempos, espíritos mistificadores, os falsos profetas da erraticidade, como dizia Kardec, e espíritos pseudo-sábios, que se julgam grandes missionários, trabalham, consciente ou inconscientemente, na ingrata tarefa de ridicularizar o Espiritismo. Mas a responsabilidade dos que aceitam e divulgam essas mensagens não é menor do que a dos espíritos que as transmitem. Por isso mesmo, é necessário que os confrades esclarecidos não cruzem os braços diante dessas ondas de perturbação, procurando abrir os olhos dos que facilmente se deixam levar por elas.

O Espiritismo é uma doutrina de bom-senso, de equilíbrio, de esclarecimento positivo dos problemas espirituais, e não de hipóteses sem base ou de suposições imaginosas. As linhas seguras da doutrina estão na codificação kardeciana. Não devemos nos esquecer de que a codificação representa o cumprimento da promessa evangélica do Consolador, que veio na hora precisa. Deixar de lado a codificação para aceitar novidades confusas é simples temeridade. Tanto mais quando essas novidades, como no caso de Ramatis, são mais velhas do que a própria codificação.

Melhor rejeitar nove verdades do que aceitar uma mentira

Estamos numa fase em que necessitamos da maior vigilância no campo doutrinário. Os espíritas, hoje mais do que nunca, precisam vigiar e orar, segundo ensinou Jesus. Porque o movimento doutrinário se expande cada vez mais e a Doutrina Espírita, sancionada pela evolução científica, desperta maior número de consciências. Por isso mesmo, a luta contra o Espiritismo é cada vez mais intensa. Essa luta não se processa apenas no campo adversário, mas também em nosso meio, através de mistificações e deturpações, contra as quais precisamos estar alertas, conscientemente prevenidos.

Poucos espíritas, lembrando a advertência de Kardec quanto à necessidade de repelir os erros para defender a verdade, vêm sendo capazes de distinguir o falso do verdadeiro, em matéria de comunicações mediúnicas. Obras de mistificação evidente, como as de Ramatis, são aceitas e defendidas com entusiasmo em nosso meio. De uma vez por todas, é preciso que usemos a cabeça, comparando as tolices ramatisianas, feitas para ridicularizar a doutrina, com as páginas equilibradas e os ensinamentos sensatos da codificação, bem como de Emmanuel, de André Luiz, de Hilário Silva e outros mensageiros do Alto.

Há também mistificações de encarnados, livros destinados a confundir o meio espírita, que circulam e são citados em artigos e livros. Devemos ter o maior cuidado nessas citações, pois elas concorrem para a difusão do erro, a semeadura do joio na seara, e somos sempre responsáveis pelo que fazemos de certo ou de errado. Precisamos intensificar a leitura e o estudo das obras de Kardec, de Léon Denis, de Emmanuel, nos Centros e grupos espíritas, rejeitando os livros imaginosos e falsos (entre os quais os de Roustaing e o famoso *A Vida de Jesus ditada por Ele mesmo*, que nada nos oferecem de novo e de bom, pois destinam-se apenas a ridicularizar o Espiritismo. Esses não são livros espíritas. São o joio semeado na seara de Jesus.

Maneiras particulares de ver criam confusões doutrinárias

Discussões sobre a natureza tríplice do Espiritismo
– Posição clara de Kardec
– Um pouco de Pestalozzi e de Bergson

A natureza do Espiritismo, apesar de toda a clareza dos princípios doutrinários, é ainda problemática para muita gente. Não raro encontramos discussões a respeito, nos próprios meios doutrinários. Há quem sustente, enfaticamente, que o Espiritismo é apenas religião, e há quem afirme o contrário, com a mesma ênfase. Já tivemos ocasião de ouvir as duas afirmações em palestras sobre a doutrina. Mas tudo isso decorre tão somente da falta de compreensão global do problema, de melhor e mais acurado aprofundamento nos estudos doutrinários. Por mais ilustres que sejam os opositores, nesse caso, ambos se encontram irremediavelmente errados.

Não há dúvida que a nossa afirmação é também enfática. Mas a ênfase é necessária, quando se trata de enfrentar opiniões solenes, que contrariam a realidade dos fatos. Sim, dos fatos, porque princípios de doutrina, claramente fixados, também são fatos. E quando o próprio Kardec estabeleceu – e seus seguidores aceitaram, procurando explicá-lo em obras posteriores – o princípio da natureza tríplice da doutrina, não é possível que continuemos a provocar celeumas em torno do assunto. Se não bastam as afirmações de Kardec em *O que é o Espiritismo*, nem as explicações de *O Livro dos Espíritos*, que se consulte *A Gênese*, onde o mestre, por assim dizer, esmiúça o problema.

O Espiritismo é ciência, quando se ocupa das relações entre o visível e o invisível, no campo dos fenômenos mediúnicos; é filosofia, quando nos oferece uma concepção própria da vida e do mundo; e é religião, quando traça normas de conduta moral e espiritual, objetivando a aproximação da criatura ao Criador. Kardec explicou isto com meridiana clareza e Léon Denis o

confirmou. O Espiritismo reúne em seu corpo doutrinário esses três aspectos em virtude de sua natureza de síntese conceptual. Em *A Gênese*, Kardec demonstra, de maneira matemática, num raciocínio que tem o rigor espinosiano das equações algébricas, que o Espiritismo é uma dupla revelação, ao mesmo tempo divina e humana. Revelação divina, porque procedente dos planos espirituais superiores, e humana, porque corroborada pela pesquisa e a observação científicas. Em seu discurso no Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, e em seu livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, Léon Denis afirma e esclarece, com a mesma precisão, a posição de síntese do conhecimento, que o Espiritismo assume em nosso tempo.

As confusões que ainda hoje se fazem a respeito nos lembram a parábola do elefante e dos cegos, no evangelho hindu de Ramakrishna. Um cego afirma que o elefante é uma coluna, porque só lhe apalpa uma das pernas; outro, que é um tonel, porque lhe toca o ventre; outro, que é uma bengala, pois lhe tateia a tromba; outro, um chicote, pois lhe examina a cauda. Mas quem tem olhos de ver sabe que o elefante é muito mais do que os aspectos parciais que seus membros podem apresentar ao tato. Assim também, se nos ativermos apenas a um dos aspectos do Espiritismo e não voltarmos os olhos para os demais, negaremos fatalmente a sua natureza tríplice.

No tocante à religião, os opositores apegam-se muito ao fato de Kardec não mencionar essa palavra na definição da doutrina que apresenta em *O que é o Espiritismo*. Realmente, em lugar de religião, o mestre fala em moral. Mas todos os que citam esse fato não se esquecem de citar, também, que Kardec era discípulo de Pestalozzi. Ora, a substituição de religião por moral era um dos princípios da filosofia pedagógica de Pestalozzi, para quem o ser humano era tríplice: o ser animal, o ser social e o ser moral, decorrendo desse fato uma concepção tríplice de religião, com a religião animal, a social e a moral. A religião moral era a mais elevada, a mais pura, destituída de formalismos, o que levava Pestalozzi a afirmar que a verdadeira religião é a moralidade.

O próprio Kardec deixa isso bem claro, em toda a sua obra, lutando contra o formalismo religioso e pregando uma religião

puramente espiritual. Como falar em religião, no seu tempo, e ainda hoje, era falar em culto, em liturgia, em sacramentos, em sacerdócio, ou seja, em formalismo místico, o mestre preferia falar em moral. Mesmo porque o objetivo da religião, na espiritualização do homem, não é outro senão moralizá-lo, fazer dele um ser moral, que possa aproximar-se de Deus. O próprio Kardec explicou essa posição especial que havia assumido, na divulgação da doutrina, ao pronunciar o seu derradeiro discurso. E o magnífico texto de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não deixa dúvidas a respeito.

Resta ainda uma objeção: a de que religião sem forma, sem corpo ou sistema de rituais e organização sacerdotal não é religião. Mas essa objeção já foi amplamente refutada no campo filosófico e até mesmo no teológico, onde encontramos a posição curiosa de Schleiermacher, com o seu misticismo individual e livre. Filosoficamente, a mais lúcida solução do problema nos parece ser a de Bergson, com a sua teoria da religião estática ou social, presa a rígidas estruturas formais, e da religião dinâmica, que é o livre impulso do homem para Deus, correspondendo à religião moral de Pestalozzi e ao misticismo livre de Schleiermacher.

O Espiritismo começa com a definição de Deus, no primeiro capítulo da obra básica da doutrina, e se define poderosamente, na plenitude de sua natureza religiosa, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Negar, pois, que o Espiritismo é religião, não é mais do que contrariar a evidência.

Não basta compreender a doutrina: é preciso sobretudo assimilá-la

**Da compreensão intelectual à vivência dos princípios
doutrinários – O perigo do artificialismo convencional
– Problema de fundo e não de forma**

Não basta aceitar os princípios renovadores da Doutrina dos Espíritos. É preciso vivê-los. Todas as doutrinas são sistemas lógicos, acessíveis à compreensão intelectual. Desse ponto de vista, o Espiritismo pode ser compreendido por qualquer pessoa curiosa e de capacidade mental comum. Trata-se de uma doutrina clara, baseada em princípios de fácil assimilação, embora por baixo dessa simplicidade existam problemas complexos, de ordem científica e filosófica. É fácil compreendê-lo, desde que se estude criteriosamente as suas obras básicas.

A simples compreensão de uma doutrina, porém, não implica a sua vivência. Além de compreendê-la, temos de senti-la. Somente quando compreendemos e sentimos o Espiritismo, quando o incorporamos à nossa personalidade, quando o assimilamos profundamente em nosso ser, é que podemos vivê-lo. Daí a razão de Allan Kardec ter afirmado a existência de vários tipos de espíritas, concluindo que “o verdadeiro espírita se conhece pela sua transformação moral”. Espiritismo compreendido e vivido transforma moralmente o homem.

Viver o Espiritismo, entretanto, não é viver no meio espírita, fazendo ou freqüentando sessões, lendo obras doutrinárias ou ouvindo conferências. Pode fazer-se tudo isso, e ainda mais – pode-se até mesmo gastar muito dinheiro e tempo em obras de assistência social –, atendendo apenas à compreensão intelectual da doutrina, sem vivê-la. Porque viver o Espiritismo é pautar todas as ações pelos princípios doutrinários. É moldar a conduta pela doutrina. É agir, em todas as ocasiões, como o verdadeiro espírita de que falava Kardec.

Ainda neste ponto, porém, é necessário lembrar que não basta a conduta externa. Não basta a aparência. Nada mais avesso, aliás, às aparências, do que o Espiritismo. Anti-formal por excelência, contrário aos convencionalismos sociais e religiosos, o Espiritismo, como dizia Kardec, “é uma questão de fundo e não de forma”. Por isso mesmo, não podemos vivê-lo de maneira externa. Antes da conduta exterior, temos de reformar a nossa conduta interna, modificar nossos hábitos mentais e verbais. Pensar, falar e agir de acordo com os princípios renovadores da moral espírita, que é a própria moral evangélica, racionalmente esclarecida pela Doutrina do Consolador.

Surge ainda uma dificuldade, que devemos tentar esclarecer. Chegados a este ponto, muita gente nos perguntará, como sempre acontece, quando falamos a respeito: “O espírita deve então sujeitar-se rigidamente a um molde doutrinário?” Não, pois se assim fizesse estaria impedindo o seu livre desenvolvimento moral. Quando falamos em “moldar a conduta”, Fazemo-lo num sentido de orientação, nunca de esquematização. O espírita deve ser livre, pois, como acentuava o apóstolo Paulo, “onde não há liberdade não está o Espírito do Senhor”. Só a liberdade dá responsabilidade e só a responsabilidade produz a verdadeira moral.

Ao procurar viver o Espiritismo devemos, portanto, evitar as atitudes formais que conduzem ao artificialismo, e conseqüentemente à mentira e à hipocrisia. Como se vê, esse é o caminho contrário ao da Doutrina dos Espíritos, é o caminho tortuoso da Doutrina dos Homens, no plano mundano. Devemos ser naturais. E como modificar a nossa natureza inferior, sendo naturais? Primeiro, compreendendo que temos essa natureza inferior e precisamos modificá-la, o que fazemos pela compreensão da doutrina; depois, sentindo a necessidade de modificá-la, o que fazemos pela assimilação emocional da doutrina. Nossa transformação moral deve começar de dentro, e não de fora. Dos pensamentos e sentimentos, e não das atitudes exteriores. Deve ser uma transformação para Deus ver, não para os homens verem.

A falta de compreensão desse problema leva muitos espíritas a posições incômodas dentro da doutrina, e o que é pior, a posições comprometedoras para o movimento doutrinário. E leva também a lamentáveis confusões, principalmente no tocante ao problema religioso. Quando compreendemos, porém, que o Espiritismo não é somente um sistema doutrinário para assimilação intelectual, mas que é, sobretudo, vida, norma de vida, e principalmente, seiva renovadora da vida humana na Terra, então compreendemos que não é possível separar-se, dos seus aspectos científicos e filosóficos, o seu poderoso aspecto religioso. Lembraremos ainda o que dizia Kardec, ou seja, que o Espiritismo é forte justamente por afirmar e esclarecer as mesmas verdades fundamentais da religião.

Quadros nos Centros

A palavra *idolatria* quer dizer adoração de imagens. A Bíblia proibiu aos judeus fazerem imagens, porque eles viviam numa época de idolatria e deviam evoluir para a adoração de Deus em espírito e verdade.

O Catolicismo Romano serviu-se da idolatria para poder atrair o povo idólatra. O Protestantismo, com a Reforma da Igreja, aboliu a idolatria, apoiando-se na proibição bíblica. O Espiritismo explicou a Lei de Adoração e mostrou que estamos numa época diferente, em que só podemos adorar a Deus praticando as suas leis.

Num Centro Espírita não devemos usar imagens para adoração. Mas isso não quer dizer que não possamos ter nos Centros Espíritas fotografias ou quadros artísticos, desenhos ou pinturas de Jesus, de Kardec, de Léon Denis ou de outras personalidades espirituais. Esses quadros não são objetos de adoração. Constituem simples lembranças, como os quadros de retratos de parentes ou amigos. Todas as sociedades, no mundo inteiro, usam quadros na parede e não praticam idolatria.

Alegam alguns confrades que os freqüentadores do Centro podem entender que os quadros devem ser adorados. Se fosse assim, o Centro estaria fracassando na sua função de esclarecer o povo. Os freqüentadores do Centro precisam aprender que não se adoram quadros nem imagens, e devem saber que os quadros não foram bentos nem entronizados por sacerdotes. Os quadros podem, pois, servir de motivos de esclarecimento para os mais atrasados.

Já é tempo de confiarmos no poder esclarecedor do Espiritismo, não tendo medo de quadros, de palavras ou de ignorância de alguns freqüentadores. No Espiritismo não deve existir nenhum tabu, nenhuma superstição. Deve haver compreensão, através do esclarecimento doutrinário. É claro que não devemos encher as paredes do Centro Espírita de quadros e imagens, mas não é justo que deixemos de colocar no Centro uma bela figura de

Jesus ou uma fotografia de Kardec ou do patrono da instituição, só porque os ignorantes podem querer adorá-los. O Espiritismo nos libertou da idolatria, mas não nos proíbe o bom gosto e o respeito pelos mestres.

FIM

Notas:

- ¹ Existe já a tradução desse livro para o português, pela EDICEL, São Paulo. (Nota da editora.)
- ² Esta era a sua idade na ocasião em que Herculano Pires escreveu esta crônica (Nota da editora.)
- ³ O Clube dos Jornalistas Espíritas foi a primeira sociedade do gênero no mundo, fundada em São Paulo. Herculano foi um dos seus presidentes. Atualmente, o clube não mais existe. (Nota da editora.)
- ⁴ Atente o leitor para o fato de que Herculano escreveu esta crônica entre 1969 e 1970. (Nota da editora.)
- ⁵ Refere-se aos séculos XIX e XX. (Nota do digitalizador.)